



VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO, COMO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, ESTEVE NA EMBAXADA DE INGLATERRA PARA EXPRESSAR AO SR. EMBAXADOR "SIR" CAMPBELL, O QUANTO SATISFAZIA AO SEU GOVERNO E AOS PORTUGUESES, A VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS.

ANO IV-N: 209 17 DE MAIO DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$80



UM LINDO SONHO DE MULHER...



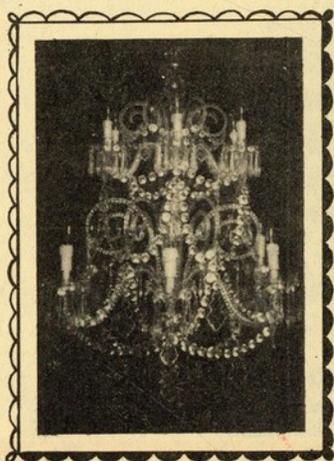
...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2.4948

* LUSTRES *



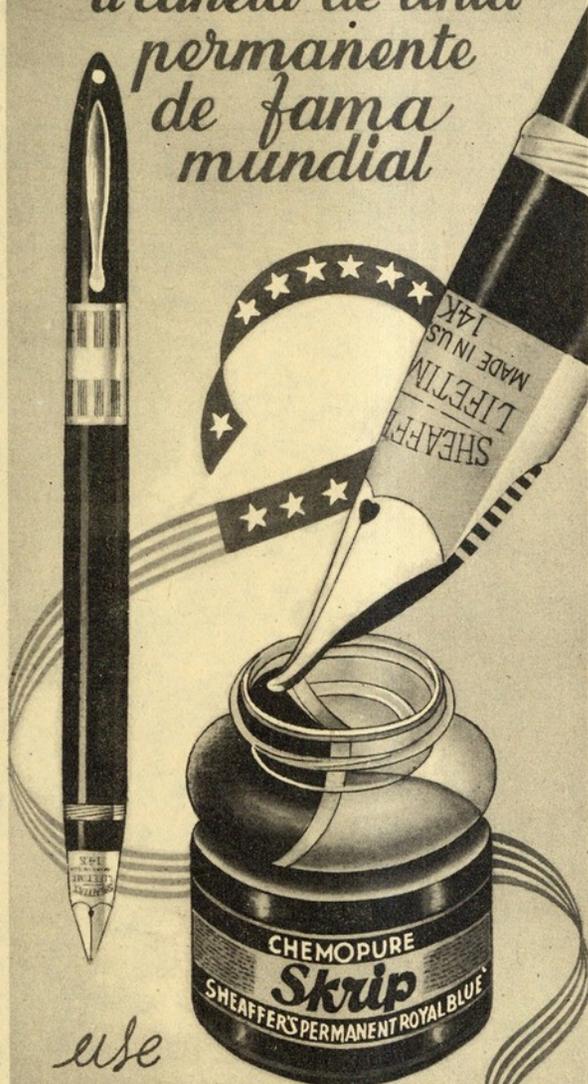
APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-JOURS * CANDELABROS * CANDIEIROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (A R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

prefira
SHEAFFER'S

*a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial*



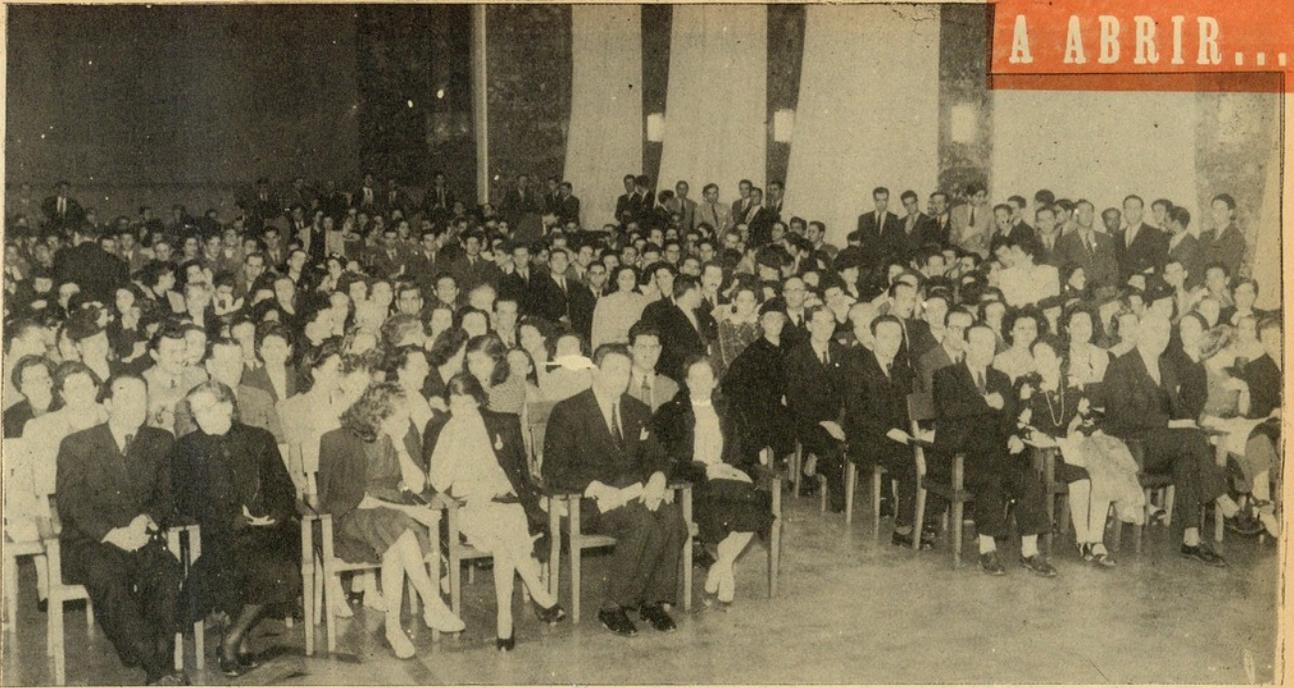
use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:
AZEVEDO & DUARTE, L.^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.^o - LISBOA - TELEF. 26297

A ABRIR...



Os estudantes de Lisboa também sabem aproveitar as suas horas de folga para as coisas de espírito. E foi assim que os rapazes do Instituto Superior Técnico, pela sua secção cultural, e com a colaboração de alguns alunos do Conservatório Nacional, organizaram, recentemente, no salão nobre do I.S.T. um concerto que, pode dizer-se, resultou pleno de êxito. Nas duas fotos juntas damos um aspecto da assistência e os alunos e artistas que tomaram parte no concerto, constituído por trechos de música do século XVII, acompanhados do sr. dr. Ivo Cruz e outros elementos do Conservatório.



O ENTUSIASMO DE LISBOA

AS multidões têm os seus incontidos entusiasmos, avassaladores, que chegam a atingir o delírio da loucura. A turba move-se como atilada pelos lampejos de fogo. A psicologia das multidões diverge, porém, segundo as latitudes em que os povos vivem. Nós, aqui, neste cantinho, temos, também, o entusiasmo colectivo que enrouquece as turbas. Acrescente-se a isto a noção da pasmação, enfermidade sem diagnóstico, de que há muito tempo o lisboeta sofre, e ficaremos com a certeza de que ninguém, colectivamente, é capaz de se entusiasmar mais do que este extraordinário cidadão, cem por cento «dandy» e pelintra. Onde há ajuntamento, ele vai logo, de nariz no ar, espertar a sua curiosidade com óculos de cinco dióptrias. Vasculha, olha, remira — e depois de tudo bem comentado vai, a correr, levar a novidade ao café — armazém das amizades, quasi sempre falsas — mas já acrescentada, remodelada em definitiva edição. Se foi troca de murros, coisa ligeira, e como convém num país onde não se aprecia o «K.O.», o cavalheiro, com ar terrorista espalhado nas faces, conta os tiros, a cacetada da polícia — e dois moribundos na ambulância dos bombeiros. Os amigos ficam assombrados. No outro dia, querem ver os jornais. Mas não encontram nada — e comentam de alto:

— Nunca trazem nada! O essencial nunca trazem!

Ora, se isto é assim, não admira, pois, que esses estimáveis cavalheiros conheçam, como ninguém, o sentido errado dessas frenéticas multidões que tudo aplaudem com as tais dióptrias nos olhos.

Deixam-se levar por meia dúzia de frases sentimentais ou por gestos que querem traduzir uma emoção colectiva — quando, tantas vezes, passou despercebida lá no burgo...

Eis o caso:
Aqui há duas semanas, os jornais, em grandes parangonas, traziam, continuamente, alarmantes telegramas. Dia-a-dia, a derrocada, prestes do fim, ia sendo maior.

Milhões de soldados desarmados, cidades inteiras bloqueadas de tiro — e a desvaída humanidade envolvida num mar de sangue. Todo o mundo, emocionado, pôs os olhos na hora decisiva das tréguas da paz. Pois bem: aqui em Lisboa também. Há gente que passa o seu tempo, durante a tarde e a noite, defronte dos «placards» até vir o último telegrama. Discutia baixo — comentava-se uma atitude, mas, sobretudo, o que aquela gente «desejava era ver o derradeiro telegrama que marcasse o termo das hostilidades que durante seis anos pôs a humanidade sofredora sem o calor da vida...

Pois uma tarde, a um domingo, vínhamos a descer a avenida. Já os jornais tinham saído. Nada traziam que acalmasse a nossa ansiedade de pacíficos. Diante dos «placards», grossa multidão lia as últimas notícias.

Vimos um amigo — rapaz honesto, bom cidadão, empregado superior dum Banco.

— Então?
— Já acabou!
— Já?! Ainda bem. Mas capitulou tudo?...

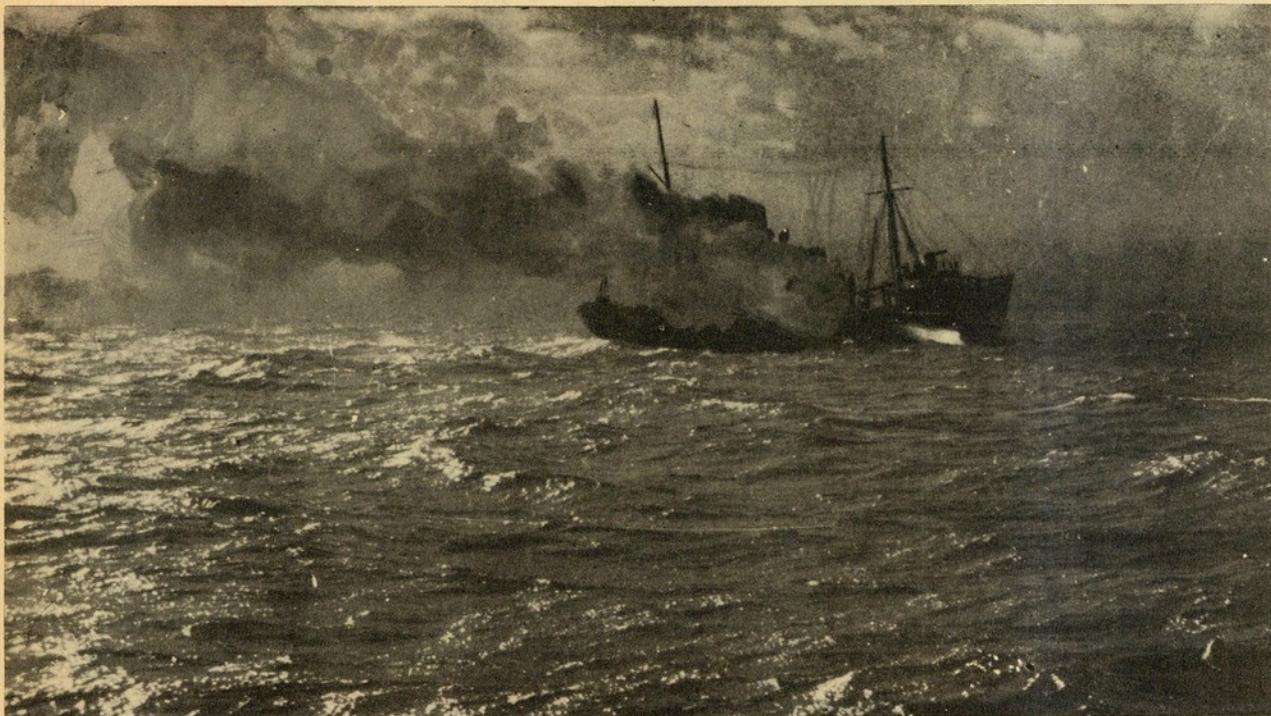
— Não é isso. Perdemos por 4 a 2! Só então reparámos que ele se referia ao jôgo da bola. E, de facto, ao lado do general Patton, o jornal trazia o Peyroteo comandante dum offensiva às rédes dos espanhóis. Abençoado entusiasmo.

MANUEL MARTINHO



Um banquete de confraternização

Os antigos alunos da Escola Nacional reuniram-se, há dias, num banquete de confraternização, presidido pelo sr. major Joaquim da Encarnação e Sousa. Brevemente, será criado um organismo associativo, à volta do qual se reúnam todos os antigos alunos daquela prestigiosa escola, dirigida actualmente pelo sr. general Vicente de Freitas.



UMA REPORTAGEM VIVIDA QUANDO O "MELO" ARDIA EM PLENO OCEANO

ATRAGÉDIA

POR JOÃO FALCATO

I

O apito do «Melo» corta longamente o silêncio desse fim do dia: o som rouco espalha-se, triste, numa despedida. Buenos Aires foge dos meus olhos.

Era sexta-feira, dia 13!

A tripulação apinha-se na amurada, alheia à idéia de fatalidade, agitando lenços brancos, mansamente. Todos com os olhos no cais, nas velas do porto, nos cafés

cheios de música estridente, para conservarem na retina, ao longo da viagem, a terra que deixam na despedida e que alguns jamais voltariam a ver.

Os prédios tornam-se mais pequenos e o navio começa a cortar tranqüilo as águas do Atlântico Sul. Os episódios passados em terra começam a esfumar-se em saudade como as cores se diluem à luz macia das estrelas que debruam o céu.

E noites passam e rolam outros dias: mar e céu, dois infinitos que se confundem num abraço que só a alma pressente. E o Brasil começa a exercer de novo, em todos nós, a mesma atracção; olhos

pregados naquela terra paradisíaca, na costa sedutora, a ver coqueiros mancharem a paisagem como exclamações de doce viver, enquanto a lua baixa voga como um cavalo alado sobre o dorso das ondas: S. Paulo, a terra do orgulho paulista, Santos, Rio de Janeiro, Bahia, nomes a alvejamem na carta e a falarem docemente à minha imaginação, mas escondidos dos meus olhos ávidos de conhecer, só por uma nesga do mar e pela vontade do armador que traçou esta viagem comprida, duma só assentada, rumo a Lisboa.

Na ponte, o matraquear surdo da roda que governa o leme, a girar, a dar voltas para o rumo ir certo.

O sino cortou o murmúrio brando das águas, com três pancadas secas: sete horas.

O silêncio da noite era imenso. Tudo tranqüilo: mar tranqüilo e céu tranqüilo, sem uma nuvem. Os ruídos de bordo pareciam harmonizar-se: um silêncio sagrado tomava o barco que dormia.

Na pópa, os marinheiros segredavam vagos projectos para a chegada. Contavam-se os dias que faltavam para atingir Cabo-Verde: a partir daí, já sabiam com segurança o que os separava de Lisboa que era agora o sonho de todos, com a família aguardando alegre, depois duma ausência de quatro meses. Assentavam-se os últimos pormenores das pândegas que haviam de marcar a chegada. Os corpos, amolentados pelo calor equatorial, estendiam-se, lânguidos, em «redes», na ré:

o vestuário simplificava-se. As blusas ficavam suspensas nas cordas e de tronco nu, cochilhava-se para não acordar os camaradas, dormindo já, nos beliches, acabados de sair do «quarto».

Da enfermaria vinha o som rítmico de uma música brasileira com as dolências da terra abraçada de sol. Os sentidos entorpeciam-se e um modorrento langor tomava tudo e todos. A bandeira, sempre hasteada no topo do mastro da pópa — a lembrar aos homens em guerra que era de paz a nossa missão — caía enrolada; a viração não corria.

Uma paz calma enchia o «Melo» naquela noite abrasante. Homens molhavam a cabeça e o tronco nu, em celhas enormes, e, refrescados, iam estender-se para cima dos oleados que fechavam os porões. No convés da proa, os bois, trazidos para alimento da tripulação, tinham lonas a protegê-los, mas gemiam sofrendo com o calor.

As estrelas brilham intensamente num céu azul, sem uma nuvem, tantas e tão juntas, como no nosso hemisfério não vira. O Cruzeiro do Sul, a tomar mil posições à medida que nos afastávamos, rozava agora o horizonte, prestes a esconder-se a meus olhos.

Dirijo-me para a ponte. Quando os meus pés tinham pisado o primeiro lanço da escada, uma explosão medonha despedaçou o ar e encheu de ecos sinistros o barco, que estremeceu violentamente.

Um grito súbito e aflitivo chega aos meus ouvidos, saindo do silêncio daquela noite tranqüila, furando as distâncias:

— Fogo!

Surgem de tóda a parte homens semi-nus, inquietando estremunhados do que se tratava.

Rápidos, nuns segundos desdobram as mangueiras para dominar aquêle fogo que vejo agora em novelos grossos de fumo, cada vez mais denso.

Gritos querem rasgar o espaço, mas saem esfarrapados; o pavor não deixa articular.

As escotilhas de um porão voaram pelas alturas. Seis mil toneladas de produtos químicos, altamente explosivos, vão tornar em breves minutos aquêle barco num casco informe de ferros torcidos.

Lestos, quási cinqüenta tripulantes correm para o ataque. A fumaceira sufoca e dá aos rostos um aspecto amarelo que os desfigura. Tudo vai arder sem possibilidade da nossa intervenção. Impotentes, vemos um mar de chamas que enche já a ré e atrai línguas de fogo para a meia-nau.

O «Melo» começa a arder com explosões surdas, contínuas, que desorientam os nossos nervos e tornam impraticável qualquer movimento útil para nos salvarmos.

Lá do fundo, do inferno das máquinas, os oficiais de serviço vêm ver o que se passa, receosos; deparam com o fogo e não tornam a voltar. O barco é já um gigantesco brazido. Ninguém tem outro pensamento que não seja salvar-se. Não há quem pare o barco singrando imperturbável no mesmo rumo e à mesma velocidade.

O barco arde no meio do Oceano, em clima de água, rodeado de água! Leva tempo a aperceber esta tragédia que deixa todos perplexos.

Corro à ponte e ouço um grito feito de mil gritos de desespero. Uma praga vibra nos meus ouvidos com força. Galgo um lanço mais da escada e vejo um mar de chamas. Já não ouvia os gritos angustiosos, sentia um surdo rumor feito dos gemidos de muitos homens a arder.

Um fogueiro que levou mais tempo a aperceber-se do que se passava, atravessa as chamas e vem ardendo, coberta fora, olhos saídos das órbitas, pele a cair aos poucos, para suspender a marcha junto do capitão, que suspende o trabalho de arréar um bote para o fitar com desesperada tristeza:

— Olhe o meu estado, comandante!

Chamava-se José Pereira — o França — e tinha pouco mais de vinte anos!

Um soluço duro e abafado apagou-lhe as últimas palavras. Cafu desamparado aos meus pés, na chapa quente, e continuou ardendo, uma labareda horrível a consumi-lo todo num abraço de fogo; olhos estolrados, espuma a saltar-lhe da boca!...

Tudo exausto de terra e as chamas avançando sempre, lambendo com rapidez incrível tudo que arde. Nus e queimados, corremos por todos os lados, descontrolados os nervos, alucinados, chocando uns com os outros em paroxismos de loucura — «*sose quem puder*», mas o barco anda

sempre, na sua marcha para a morte. O vento alenta o fogo e as explosões, surdas, estremecendo tudo, abalam a nossa fraca esperança de nos salvarmos.

Um homem tenta cortar o cabo que prende a balleira de bombordo, soltando-a dos «turcos», mas uma língua de fogo marca-lhe na carne o atrevimento, e arde, primeiro o vestuário, depois os cabelos, a pele, com gritos de sofrimento, com contorsões que nada têm de humano. Ardendo, corre desvalariado para todos os lados, pulando, pulando cada vez mais, até que a dor o lança borda fora, para o mistério do mar.

As águas abrem-se para o deixar passar, mas por um momento parece que ardem também; faz-se um leve redemoinho, uma espuma branca, mortalha a cobrir mais uma sepultura!

Entre a meia-nau, onde estão as balleiras, e a ré com acomodações para a campanha, está o porão a interpor-se como um vulcão de fogo. É uma barreira de chamas gigantescas que em breves segundos alastrará aos outros porões. Os homens que estão na ré olham alternadamente para o fogo e para o mar, negro, silencioso.

O barco prossegue sempre naquela marcha fantástica para a morte.

Passar uma barreira de fogo também é temeridade, mas entre a vida e a morte, alguns decidem-se a morrer lutando pela vida. Põem sacos pela cabeça e, rápidos, furam as trevas quentes, correndo junto à amurada por cima de ferro já incandescente.

As chamas atingem agora com violenta explosão, o porão 5.

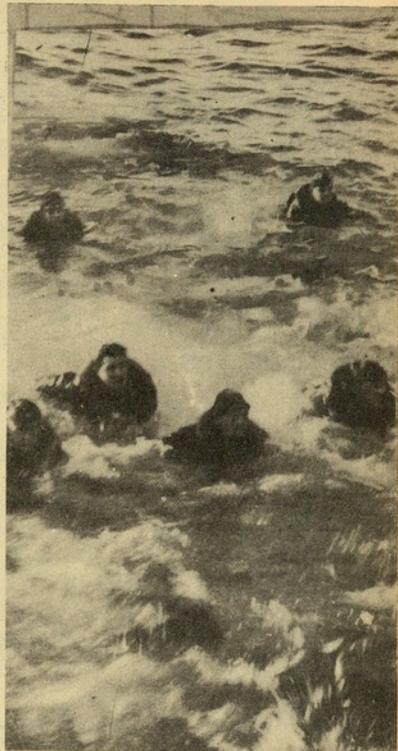
Novamente as escotilhas voaram pelas alturas, espalhando a distância bocados de fogo. Os pés sentem as chapas em brasa; gritos angustiosos marcam o sofrimento que os tortura. Avançam penosamente.

O «Melo» é um gigantesco cemitério dos homens que estavam na pópa.

O fogo agarra-os, envolve-os. Tentam subir por uma escada de ferro que liga o poço da ré à meia-nau. Mals um esforço e podia ser a vida. Arrancam com a decisão de quem vai tentar viver. Peito lançado para a frente, mas o corpo suspende-se no movimento, a figura oscila sobre a mancha esbraziente, torna-se hirta, parada por uns rápidos segundos, para depois cair com um grito medonho, no meio das chamas que se abrem para deixar passar aquêle corpo, tornando-se depois ainda mais vivas.

A morte de um companheiro não demove os outros. A mesma temeridade é repetida. A escada de ferro está incandescente com tonalidades de rubro branco. Um fumo sulfuroso, grosso, denso, sufoca todos, um cheiro a tarne queimada enche tudo.

Um novo vulto aproxima-se, cambaleante, da escada, barreira para a meia-nau, onde estão as balleiras. Avança com decisão; sobe o primeiro lanço, a carne começa a ser macerada pelo ferro rubro, a escorrer gordura com um rechinar que alucina.



O mar revoltado quer trazer os homens acolhidos ao seu seio...

Tenta novo arranco, novo lanço: cai inteiriçado, um ranger de articulações a arderem como madeira que se parte, um grito de maldição na boca suja por uma bola esbranquiçada. Quando o eco desse grito chega aos meus ouvidos e aos dos companheiros, já o seu corpo está calcinado, reduzido a cinzas.

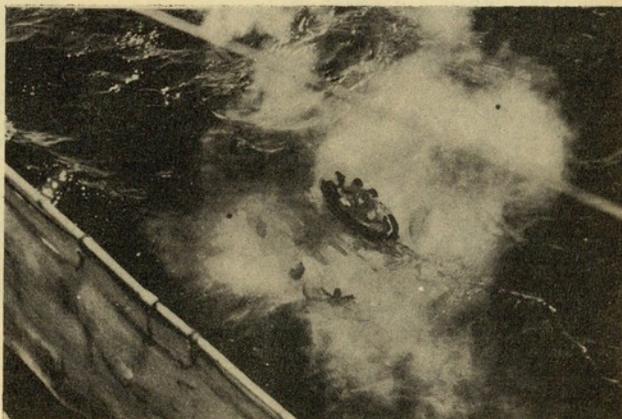
É o último grito de José Frade, que regressava a Portugal, repatriado da Argentina. Regressava, mas pobre e doente. O medo de se encontrar na sua terra com a mesma situação que em novo não soube resolver e o obrigou a partir, fêz-lhe vir pedindo durante a viagem inteira, a morte que o libertasse. Mas o grito de maldição que lhe safu da boca quando o corpo inteiriçado cafu no brazeiro, ficou no meu ouvido como um vibrante apêlo à vida.

No próximo número:

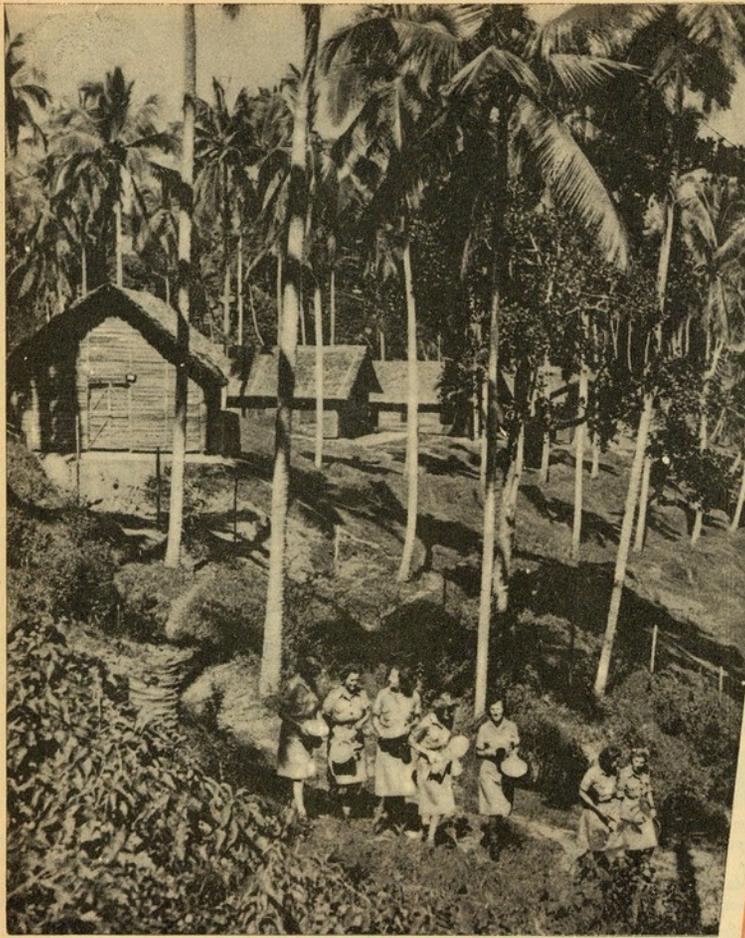
AS CALDEIRAS VÃO REBENTAR!



Ainda haverá uma esperança sobre a terra que estes homens possam recolher na sua imensa tragédia?



O «Melo» já não pode servir nem mesmo para sepultura, e a balleira afasta-se no remoinho das vagas...



Nestas cubanas foi instalado o «quartel» das raparigas da W.A.A.F., acabadas de chegar de Inglaterra. Todas as manhãs as raparigas partem a caminho do seu campo de trabalhos, alegres e em ranchos contrastantes com a natureza pesada e sombria.

AS VOLUNTÁRIAS DOS SERVIÇOS AÉREOS AUXILIARES INGLESES GOSAM AS DELÍCIAS DO EXTREMO-ORIENTE

A guerra no Pacífico continua. O Japão mantém-se em luta, em nome de um acordo que findou com a queda da Itália e da Alemanha — contra as Nações Unidas, porque o Japão sabe, como os alemães sabiam, que está em causa a sua própria existência.

Para as regiões do Pacífico continua, portanto, a corrente — agora mais impetuosa — de gente e de material à caminhar, até que surja o dia V. Porque o colapso da Europa, a pedido dos americanos, que são o inimigo n.º 1 do Japão, passou a chamar-se o «Dia V.E.» — vitória na Europa. Até ao colapso do Japão, até à vitória total, ao «Dia V», por excelência, o caudal humano continua a desaguar no Pacífico, onde a vida nem sempre é tão má como pode parecer. Pelo menos, no que respeita às raparigas voluntárias dos Serviços Aéreos Auxiliares Ingleses que, como as fotos indicam, também têm os seus momentos de boa disposição...



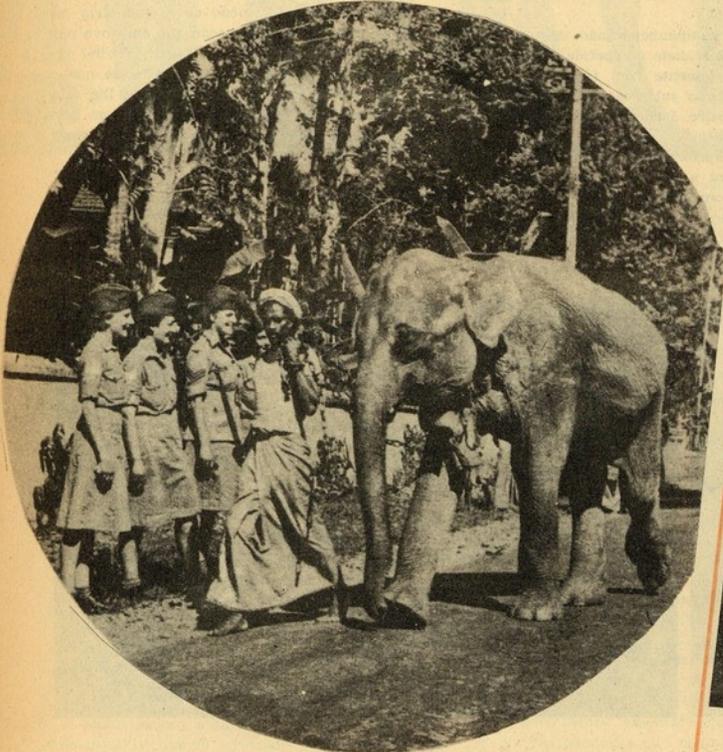
Aqui está uma das raparigas, explicando ao «figaro» do sítio, como há-de cortar e pentear os cabelos às suas companheiras. Por sinal, que o barbeiro está de férias e a «suplicanda» está de calças...



Os garridos «soriss», os vestidos da mulher hindú, têm uma grande praença entre as raparigas dos Serviços Aéreos Auxiliares Ingleses — ou seja da W.A.A.F.



Ao longe a selva das Índias Orientais. Mas, aqui, neste primeira plano, o ambiente é extremamente europeu: uma chávena — ou um copo... — de chá sem açúcar racionado...



Naturalmente, elas já conheciam os elefantes, mas só do Jardim Zoológico. Mas, assim tanto ao vivo e tão pertinho, isso é que elas nunca os tinham visto, em substituição dos automóveis...

FITAS FALADAS

“A VIZINHA DO LADO”

Há muitos anos que andava no ar esta idéia de adaptar à tela «A Vizinha do Lado», comédia famosa de André Brun, justamente considerada como um autêntico modelo do seu género. O projecto só agora tomou vulto, e coube a António Lopes Ribeiro a tarefa de transportar para o «ecran» os três actos risonhos, do príncipe dos humoristas portugueses.

Em matéria de adaptações à tela, A. L. R. tem um critério com o qual não podemos concordar, e que se traduz na subordinação pura e simples do filme ao texto das obras dramáticas ou literárias, que o inspiraram. O cinema, deste modo, limita-se a ilustrar romances ou peças de teatro. Foi essa subordinação que levou A. L. R. a fazer de «O Amor de Perdição» um filme sem amor. E que o levou agora a ressuscitar, na «Vizinha do Lado», a fórmula do «Teatro de conserva» ou do «Teatro em celuloide», de Marcel Pagnol. Um filme não é teatral pelo facto de se passar entre quatro paredes ou apenas em meia dúzia de cenários. É teatral quando obedece às limitações impostas pelo tablado. Salvo um breve prólogo, a «Vizinha do Lado»-filme é quasi sempre a ilustração da peça. A câmara cinematográfica, em lugar de se situar na platéia, como espectador, subiu ao palco, para fazer alternadamente os actores...

Tal facto ainda pode admitir-se, quando a acção dramática seja intensa. Mas, falando da sua obra, André Brun referia «as escassas peripécias da acção», e dizia: «Ao sair do teatro, o público terá a impressão de ter assistido em pessoa a um caso e não a de ter ouvido contar uma história». E essa impressão é a mesma, afinal, do espectador — em face do filme.

No entanto, a aventura do professor de moral, que vem de Famlidão a Lisboa, para salvar o sobrinho das garras da perdição e que acaba por ser contagiado pelo ambiente — essa aventura, dizíamos, era um manancial incomparável de sugestões cinematográficas para enriquecer a peça de André Brun. E este, se fôsse vivo e pudesse colaborar para meios e ambientes onde os contrastes teriam enorme efeito cómico — e que não foram explorados teatralmente em obediência às limitações impostas pela técnica respectiva.

Assim, os valores cinematográficos não transparecem. Apenas os teatrais se impõem, através do recorte da peça que o filme mantém — e do diálogo, gracioso e por vezes picante, no qual André Brun deixou bem vincado o seu humorismo.

Quasi chegamos a lamentar que o realizador haja saído do âmbito da comédia teatral, tão frouxas são as seqüências de inspiração cinematográfica. Assim, a Feira de Agosto e o Teatro das Barbaridades — há nomes proféticos! — estão prejudicados por uma realização a muitos títulos deficiente. A batalha da loja, partida peça por exagero. Na peça, quando Isabel pretende atirar os bifés à cara da rival, é dominada pelo Jerónimo e pelo Saralva. No filme, delta a casa abaixo, num despropósito evidente, sem que os quatro homens intervenham. Dir-se-á: o público ri. Mas também ri quando vê uma pessoa cair no Chiado. E quanto a originalidade, tais cenas já vêm dos tempos do Mack Sennett... A evocação dos amores de Plácido e D. Adelaide figura-se nos pobre e, por vezes, de gosto discutível.

Perdeu-se a oportunidade, igualmente, de fazer a deliciosa aguarela de Lisboa, nos dias calmos e felizes de 1913. O ambiente da época é pallidamente sugerido e a estilização dos trajos femininos deixa muito a desejar... Os das raparigas, sobretudo, metem dó...

(Continua na pág. 18)

A MODA EM HOLLYWOOD



A foto é para vocês, rapazes. Mas o amodello que a Donna Reed apresenta, é especialmente dedicado às nossas leitoras. Um casaco abluado, uma saia em «godelts», uma discreta tiara entrançada, à guisa de chapéu — e aqui têm um traje tão simples, como elegante, que causará sensação em qualquer parte.



O mistério perturbador dos harems! Lindas mulheres de face velada. Oadalisas, eunucos, um sultão terrível — amo e senhor de centenas de beidades... É claro que! Abott & Castello vão aqui fazer das suas... Enquanto elle não chega — esta imagem é extraída do filme «Perdidos num Harem»... — a favorita, a lindíssima Marillyn Maxwell, executa uma dança, capotosa e incbrante como um perfume do Oriente. A avaliar, pela favorita, o sultão da fita deve ter bom gosto.



Madeleine Sologne e Jean Marais são, actualmente, duas das mais queridas vedetas do cinema francês. Aqui os vemos, com o fotógrafo Roger Hubert, num intervalo da filmagem «L'Éternel Retour», um argumento que, segundo Jean Cocteau e Jean Delannoy, reviverá a lendas de Tristão e Isolda, e que, diz-se, é um dos mais belos filmes produzidos nos últimos anos em França. Jean Marais, últimamente, combatia, como voluntário, na frente Leste, na Divisão de Leclerc.



Depois do seu último divórcio, Lana Turner continua solteira... Co'em rumores, apontam-se «noivos», mas os factos desmentem sempre os devaneios dos «repórteres» casamenteiros. Lana Turner — a de «Curvas Perigosas» — ainda não encontrou nos meandros sentimentais o seu destino. Aqui a vemos no Lago Arrowhead, com Tony Martin, um dos seus «romances» mais falados no passado — e, pelos vistos, no presente... e no futuro.



Ela é, incontestavelmente, a mais cêbtre vedeta feminina da hora que passa. O sangue inglês, que lhe corre nas veias, deu-lhe o porte de uma autêntica «lady». Seja qual for a situação que atravesse, Greer Garson — pois é dela que se trata — mantém intacta e permanente a sua graça e dignidade de mulher. Aqui a vemos, na vida real, quando da estreia de um dos seus filmes, acompanhada por sua mãe, a senhora Nina Garson.



CHURCHILL E ROOSEVELT, FOTOGRAFADOS EM CASABLANCA. OS DOIS «GRANDES» QUE, COM A RUSSIA, PUDERAM SUPORTAR O PÊSO DAS RESPONSABILIDADES, VENCER CRISES E DOMINAR A GUERRA, SÃO DUAS DAS MAIORES FIGURAS DA HUMANIDADE, DE TODOS OS TEMPOS.

- A GRÃ-BRETANHA ASSINALOU O CAMINHO E, DEPOIS, INICIOU O MAIOR ESFÔRÇO MILITAR COMBINADO DE TÔDA A HISTÓRIA
- DOS ANOS DE PREPARAÇÃO AOS DIAS DE TRIUNFO

PELO GENERAL DE BRIGADA JOHN CHARTERIS, C. M. G., D. S. O. CORRESPONDENTE MILITAR DO "MANCHESTER GUARDIAN" E AUTOR DE VÁRIOS LIVROS SOBRE ASSUNTOS MILITARES. PRESTOU SERVIÇO NA PRIMEIRA GRANDE GUERRA E, MAIS TARDE, PERTENCEU AO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO BRITÂNICO NA ÍNDIA

longo o caminho que, por fim, conduziu as forças das Nações Unidas à derrota da Alemanha — caminho que liga as areias do deserto às neves do Oceano Ártico, às frias estepes da Rússia, às terras férteis da Normandia.

Dir-se-ia que, por vezes, esse caminho vagueou ao acaso até quase se perder nos vales sombrios, antes de — segundo uma frase famosa de Winston Churchill — iniciar a escalada dos cumes iluminados pelo Sol.

Não devemos, contudo, esquecer-nos dos dias escuros. Momentos como o de Dunkerque, quando a Grã-Bretanha salvou o resto da sua força expe-

dicionária apenas com o sacrifício do armamento e dos transportes, e, apesar de tudo, continuou a lutar sôzinha; ou, mais tarde, quando os exércitos alemão e italiano estiveram quase à vista do Cairo e do Canal de Suez, de importância vital; ou, ainda, aqueles momentos em que os alemães fizeram recuar o exército russo até ao Volga, ameaçando de perto a capital russa. A metamorfose, agora, é completa.

DE CADA UM — O MAIS ESFORÇADO AUXÍLIO

Seria desagradável, além de inútil, procurar desfrinçar a contribuição de cada um no esforço comum. Cada uma das Nações Unidas deu o melhor que pôde. O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha

já prestou tributo ao grande esforço da Rússia, que «rasgou as entranhas» aos exércitos da Alemanha, nem ninguém se pode esquecer de que três quartas partes do número total das divisões alemãs foram fixadas e vencidas na frente russa. Contudo, nenhum russo quererá negar que o valioso esforço dos seus exércitos se deve, em grande parte, às enormes quantidades de material de guerra saídas das fábricas e dos arsenais da Comunidade de Nações Britânicas e dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos dispuseram-se a suportar o maior esforço da guerra no Pacífico, além dos grandes exércitos que equiparam e enviaram a tomar parte nas campanhas do Norte de África, da Itália e da França. Nas últimas fases da guerra, os Estados Unidos concorreram, aproximadamente em partes iguais, na realização dos ataques aéreos à Alemanha.

A China, fatigada por dois anos de luta, ainda antes de Hitler lançar a Europa na guerra, manteve-se firme durante os cinco anos seguintes, sem nunca fraquejar. A Comunidade de Nações e o Império Britânico deram-lhe todo o apoio possível. Enquanto se escrever e estudar história, o mundo nunca esquecerá a mais importante de todas as crises mundiais, quando a Grã-Bretanha, com os Domínios e as Colónias, se encontrava só e isolada; apesar disso, nunca hesitou em fazer frente aos exércitos combinados da Alemanha e da Itália com encarnizada decisão.

Talvez de nada sirva pensar qual teria sido o curso dos acontecimentos se a Grã-Bretanha tivesse falhado nessa emergência. A Rússia, sôzinha, com os seus preparativos incompletos, não poderia ter feito frente ao poderio militar da Alemanha. Mesmo os Estados Unidos, com os seus enormes recursos em homens e em material, teriam necessitado de muitos anos de preparação antes de poderem intervir — anos êsses que a Alemanha por certo não lhe concederia. Ainda que a Rússia e os Estados Unidos fizessem causa comum,

único meio então viável. A marinha alemã foi varrida nos mares. A superioridade dos aviadores britânicos defendeu-se a si própria e a direcção superior do general Wavell não só deteve o exército italiano, como, finalmente, o impeliu pelo deserto fora, ao mesmo tempo que outra força expulsava os italianos da Somália britânica e da África Oriental.

CRIAÇÃO DE NOVAS TÁTICAS

A Grã-Bretanha aprendeu bem as lições colhidas durante os primeiros meses da guerra e criou rapidamente um sistema de treino para as suas tropas que deu, triunfantemente, as suas provas práticas e foi, na verdade, a base de treino dos grandes exércitos dos Estados Unidos.

Muito antes dos Estados Unidos entrarem na guerra, em Dezembro de 1941, as suas fábricas já trabalhavam activamente no fornecimento vital de armas e abastecimentos para a Grã-Bretanha. A entrada da Rússia na guerra, em consequência do ataque não provocado da Alemanha, e a entrada dos Estados Unidos, depois do traiçoeiro ataque dos japoneses a Pearl Harbour, mudou todo o aspecto da luta. Os recursos das Nações Unidas tornaram-se, imediatamente, tão grandes que a única dificuldade surgida foi o tempo que levava o seu transporte para se conseguir uma quantidade suficiente que permitisse aos Aliados passarem à ofensiva. Já não era uma questão de «dêem-nos os utensílios que nós acabaremos o trabalho», como Churchill esquematizara o problema em 1940. Agora, era um plano de batalha em comum e a divisão dos sacrifícios inerentes ao prosseguimento da guerra.

Quando um dia os futuros historiadores se pronunciarem acerca da condução da guerra nestes dois últimos anos, os seus juízos serão, por certo, de louvor incondicional para a coordenação das forças disponíveis e sua aplicação para a consecução do propósito comum. A perfeição dos planos, a certeza das previsões e a mais metódica

O ESFORÇO CONJUNTO ANGLO-AMERICANO PARA A INVASÃO

Na Grã-Bretanha, onde já uma comissão de estratégia dirigida pelo tenente-general F.E. Morgan tinha planeado até ao último detalhe a operação inicial, reuniram-se as forças necessárias para a invasão, de novo sob o comando supremo do general Eisenhower. A composição dos Estados-Maiores, quer no Norte de África quer na Europa, require alguns comentários. Realizou-se qualquer coisa sem precedentes na história de exércitos aliados. Todo o Estado-Maior em ambos os Supremos Quartéis Gerais, agia dentro da maior união — dando a esta palavra o seu verdadeiro significado. Não existia qualquer distinção entre ingleses e americanos. O comandante supremo era americano, a direcção dos exércitos, no início da invasão da França, foi entregue ao general Montgomery. A comissão de estratégia era dirigida por um oficial britânico, o chefe do Estado-Maior era americano. De alto a baixo, sucedia o mesmo. Não houve qualquer distinção de nacionalidades. Outro tanto sucedeu nos campos de batalha.

Os exércitos das Nações Aliadas estavam em proporção com as tarefas que tinham a cumprir. As tropas experimentadas da Grã-Bretanha e do Canadá coube a tarefa de quebrar a tenaz resistência alemã no local em que ela era mais difícil de vencer, precisamente naqueles pontos em que o exército alemão devia apoiar-se, no caso de se tornar necessário bater em retirada, enquanto às unidades motorizadas americanas, admiravelmente equipadas e de grande mobilidade, coube a tarefa de contornar o flanco vulnerável do inimigo para, se tudo corresse bem, lhe cortar a retirada.

Nos serviços que actuavam na retaguarda existia igual coordenação. A reparação das pontes, a restauração das estradas, a limpeza dos portos, o transporte de abastecimentos, foi uma tarefa comum partilhada por todos os componentes do Exército Aliado. Não se registam em toda a história militar outros exércitos aliados tão intimamente ligados e em que tais serviços fossem partilhados com tão grande boa-vontade.



Ao tenente-general F. E. Morgan coube estabelecer os planos anglo-americanos para a invasão da Europa — e ninguém dirá que nesta escolha de Churchill não reside uma das razões da vitória.

O CAMINHO DA VITÓRIA

é muito duvidoso que, sem a ajuda do poder naval e aéreo da Grã-Bretanha, os recursos americanos pudessem ter chegado à Rússia a tempo de a ajudar. Se não fosse a posição vitoriosa da Grã-Bretanha, o mundo ter-se-ia encontrado perante uma situação tal que, para se lhe encontrar um paralelo na história, teríamos de recuar ainda para lá da era napoleónica, até aos começos do séc. XIII, quando o mongol Genghis Khan — outro flagelo da humanidade — depois de estender as suas conquistas por toda a Ásia até ao Sul da Rússia, chegou aos Balcans e à Hungria. Mas a Grã-Bretanha manteve-se firme.

BATALHAS AEREAS QUE MODIFICARAM A SITUAÇÃO

A batalha da Grã-Bretanha — épica pela destreza e pelo sacrifício no ar e pelo trabalho realizado nas fábricas — salvou o país da invasão e o mundo da catástrofe. Deu tempo à Grã-Bretanha para se reorganizar e reequipar, para chamar à fileira todas as pessoas válidas tão depressa quanto o permitiram a incorporação e o treino; tempo para receber as tropas treinadas dos Domínios e para reajustar os seus exércitos de Ultramar afim de poderem enfrentar quaisquer situações criadas pelo colapso dos seus aliados.

Foi um bem para si própria e para o mundo que tivessem aparecido cérebros tão calmos e corações tão valorosos para coordenar os esforços na pátria e a estratégia nos campos de batalha — para, enfim, travar as suas batalhas naqueles meses de ansiedade. A sua marinha teve que defrontar-se com a ameaça dos submarinos, teve que manter abertas as linhas de comunicação nos sete mares e proteger os seus combóios, embora privada do auxílio da poderosa marinha francesa, pois sem as suas comunicações por mar a Grã-Bretanha teria sucumbido.

O seu exército em África, ainda que em desigualdade de forças, enfrentou o exército italiano muitas vezes superior, e a sua Força Aérea foi obrigada a expandir-se, não só para defrontar e vencer a Luftwaffe mas, também, na devida altura, para levar a guerra ao território inimigo pelo

preparação foram as principais características de cada sucessiva campanha aliada.

GOLPES SINCRONIZADOS

O auxílio ilimitado dado pelos recursos industriais dos Estados Unidos, da Comunidade de Nações e do Império Britânico permitiram que o poderio russo em homens fosse totalmente utilizado. Esse auxílio implicou a construção dum caminho de ferro ligando o Golfo Pérsico com o sistema ferroviário russo, no Oriente, enquanto no Ocidente a Marinha Britânica assegurava a passagem de combóios sucessivos para os portos do Norte da Rússia, no Mar de Barent, enfrentando os contínuos ataques dos submarinos e as tempestades de neve do Oceano Ártico. Depois disso, a Rússia pôde considerar-se apta a expulsar o invasor do seu território. Mas os golpes que o exército russo desferia a Leste estavam sincronizados, um após outro, com os golpes desferidos no Sul e no Ocidente — sincronizados ainda com os ataques aéreos realizados pelas aviações da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Há ainda que tomar na devida conta o auxílio prestado pelas nações que haviam sido atacadas pela Alemanha.

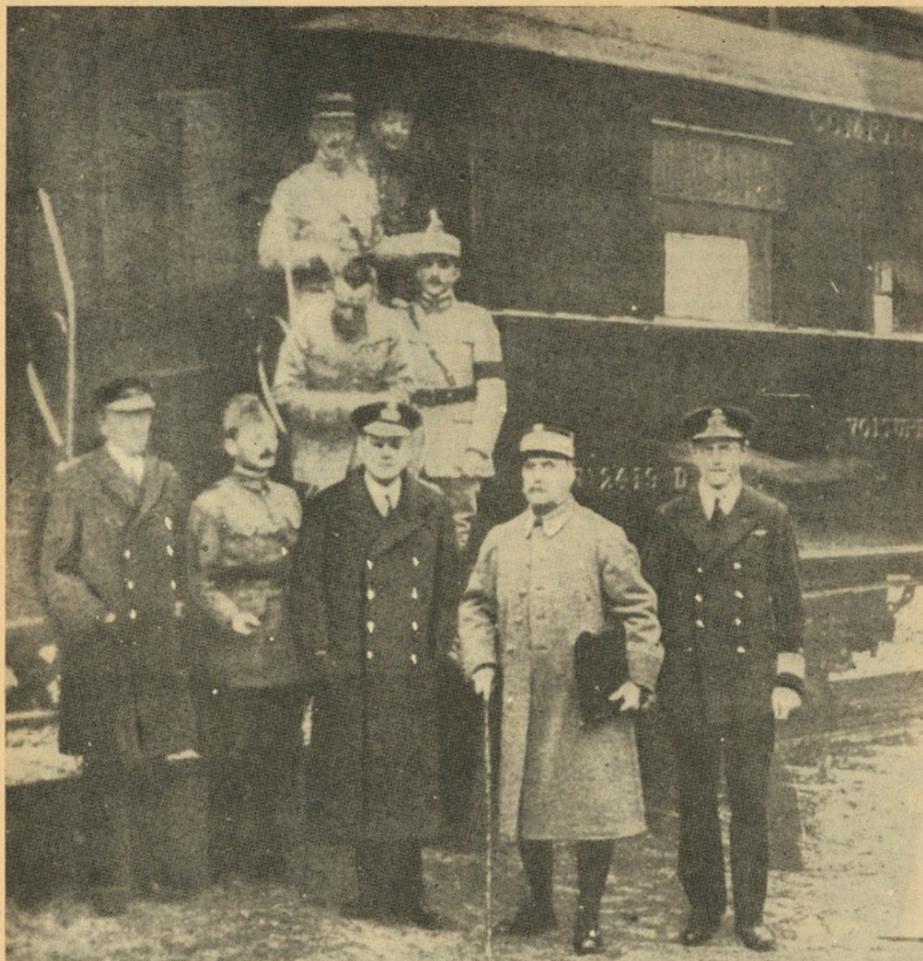
Foram realizadas experiências anfibias para pôr à prova os meios e os métodos de invasão. Quando os preparativos estavam completados, realizou-se uma expedição anfíbia ao Norte de África sob o comando do general Eisenhower, em que tomaram parte tropas experimentadas britânicas e os soldados excelentemente treinados dos Estados Unidos. Uma campanha sincronizada do Egipto e da Argélia, dirigida pelo general Montgomery e sob o comando supremo do general Alexander, alcançou uma vitória completa no Cabo Bom, onde os exércitos alemão e italiano em África foram prisionados ou destruídos até ao último homem e à última espingarda. Seguiram-se, com pequenos intervalos, a invasão da Sicília e, mais tarde, da península italiana, ambas conduzidas pelos mesmos comandantes, e que puseram a Itália fora da guerra. Então, e só então, chegou a altura para a invasão do Ocidente da Europa ocupada pelos nazis.



Wavell foi o primeiro triunfador da África e pacificador da Ásia ocidental. Montgomery foi o homem das campanhas de África e da Europa. Poucas estrelas brilham como a sua na constelação aliada, sob o comando de Eisenhower.



A Inglaterra e a França reencontram-se nas horas trágicas. A rainha Isabel e De Gaulle bem simbolizam esse entendimento, no momento em que todos pareciam tão poucos para vencer a crise militar e política que devastou a Europa.



Os generais Weygand e Foch à saída do vagão onde, em Novembro de 1918, se negociou o armistício que assinalava a vitória das potências aliadas sobre as potências centrais.



CONSUMADA a rendição incondicional da Alemanha, não deixa de ser curioso e oportuno traçar um breve estudo comparado dos acontecimentos e situações criados no final dos dois períodos bélicos que ensanguentaram os trinta anos decorridos entre 1914 e 1945.

Quando, em 1918, se registou o colapso da Alemanha, pode dizer-se que a facção vencedora, formada pelos exércitos anglo-franco-americanos, foi apanhada completamente desprevenida. No Outono desse ano, os Aliados contavam resignadamente com a inevitabilidade duma campanha final que teria lugar em 1919, e foi com profundo espanto que viram, em Outubro de 1918, subir ao poder um novo chanceler alemão, ostensivamente democrático, cujo primeiro acto oficial se traduziu por um pedido de armistício ao Presidente Wilson, dos Estados Unidos.

Após três semanas de discussões bilaterais entre os referidos Presidente e Chanceler, os Aliados reuniram-se para estudar as condições de armistício a impor. Porém, imediatamente se levantaram duas opiniões divergentes. O general britânico Haig, ainda impressionado pelo poderio militar do exército alemão, defendia a tese de se apresentar condições extremamente moderadas para garantir a sua imediata aceitação. Por seu turno, o general americano Pershing, cujo exército estava compreensivelmente mais folgado e menos farto da guerra do que o britânico e francês, negava-se a aprovar quaisquer propostas de armistício e favorecia o prosseguimento da guerra até à derrocada final do militarismo prussiano.

Em face deste desacórdio, o marechal Foch, na sua qualidade de supremo-chefe dos exércitos aliados resolveu apresentar à delegação alemã

propostas, baseadas apenas nas suas impressões pessoais, as quais foram aceites a 11 de Novembro de 1918.

Estas propostas, preparadas à pressa, não eram perfeitas, tal como não era perfeita a maneira como elas tinham sido apresentadas... Segundo a definição do crítico militar, general Martin, tanto teórica como praticamente, um armistício é uma medida militar cujo responsabilidade de negociação recai pura e simplesmente sobre os comandantes dos exércitos em operações. Ora, neste caso, a delegação alemã representava ostensivamente o Alto Comando.

Mas, em consequência duma pequena habilidade do Ministério dos Negócios Estrangeiros germânico, foi um civil, de nome Erzberger, quem assinou o termo de armistício...

Deste modo, Erzberger passou a ser o «bode espiatório» do Alto Comando alemão e, subsequentemente, nasceu a lenda do exército imperial nunca ter sido derrotado, mas sim apunhalado à traição... tanto mais que as condições do armistício foram também aproveitadas para forjar esta mesma lenda, visto que Foch omitira a cláusula que limitava a quantidade de armas necessárias ao exército alemão para manter a ordem...

Em face disto, os exércitos germânicos regressaram aos quartéis ao som vibrante das marchas militares das suas bandas, tal como se fossem uns triunfadores e não uns vencidos. A completar este estado de coisas tão pouco normal, a Comissão de Armistício, cuja incumbência era garantir o cumprimento das condições de armistício, viu-se relegada para Spa, nos confins da Alemanha, quando a sua sede, de direito, devia ser Berlim.

Mais tarde, depois da assinatura do tratado de paz, a ressurreição do exército alemão foi apressada por mais duas manifestações de fraqueza aliada. Os criminosos e culpados da guerra nunca chegaram a ser castigados... e, para exemplo, basta dizer que dos 900 nomes contidos na

De 11 de Novembro de 1918 a 8 de Maio de 1945

primeira lista de criminosos de guerra, só foram julgados, dois anos depois do fim do conflito, 12 acusados...

Quanto à responsabilidade da Alemanha no desencadeamento da guerra, tal acusação foi rapidamente esquecida em todo o mundo e, em especial, na própria Alemanha. Por seu turno, a recusa do governo holandês em extraditar o Kaiser impediu o seu julgamento, ao mesmo tempo que a Comissão do Reichstag, nomeada para examinar todas as questões de responsabilidade moral e material, nunca chegou a dar sinais de existência.

Assim, fora da Alemanha, os partidos da esquerda principiaram a convencer-se de que a guerra não tinha sido forjada na Alemanha, mas sim no seio das organizações capitalistas e das respectivas classes governamentais. Daqui resultou que, por consentimento geral, a cláusula da culpabilidade da guerra, exarada no tratado de paz, foi considerada letra morta até ao dia em que Adolfo Hitler a denunciou...

Ainda a respeito da lenda da invencibilidade do exército alemão, deve salientar-se que uma das principais causas do malogro aliado foi resultante da adopção dum conceito errado sobre a verdadeira natureza do armistício.

Recorrendo ainda às definições do general Martin, há a notar o seguinte: «Um armistício não é um tratado de paz; é, simplesmente, um instrumento de suspensão das hostilidades, e só é efectivo enquanto os vencedores dispõem de força suficiente para impor as suas condições».

Não obstante, em toda a parte o armistício de 1918 foi recebido como sendo um instrumento de paz permanente. Em consequência deste erro, quasi simultaneamente, os soldados dos exércitos aliados requereram a sua imediata desmobilização, o que não foi totalmente levado a efeito devido aos esforços do presidente Winston Churchill,

nessa ocasião Secretário do Estado para a Guerra e para o Ar.

Apesar das medidas adoptadas por Churchill, a redução dos efectivos começou a fazer-se depois de 20 de Janeiro de 1919, e não tardou muito tempo que se registasse o primeiro acto de desobediência contra o estipulado no armistício. O autor desta façanha foi Mustafá Kemal, o qual não satisfeito por ter aberto um mau precedente em relação à política aprovada pelo armistício de 1918, denunciou, em face da fraqueza traduzida pela primeira transigência, o Tratado de Sévres, assinado entre a Grã-Bretanha e a Turquia em Agosto de 1920.

Em vista do exposto, pode-se afirmar, paradoxalmente, que a Alemanha vencida em 1918 ganhou a guerra e a paz...

O caso presente já não tem as mesmas características e revela-se totalmente diferente, da rendição da Alemanha kaiseriana.

É certo que, até determinado ponto, o colapso nazi constituiu ainda uma surpresa. Na verdade, fez agora precisamente um mês que o general Eisenhower afirmou ser opinião sua que não poderia contar com a rendição total das forças alemãs na frente ocidental, e que, consequentemente, depois destas tropas terem sido desmembradas, os seus fragmentos continuariam a resistir. Porém, à comunicação da morte de Hitler seguiu-se a rendição total dos exércitos alemães...

Em relação ao resto, a posição dos Aliados hoje é completamente diversa da de 1918, visto que, desta vez, houve a preocupação de se seguir o conselho do general Pershing, forçando a rendição incondicional de toda a Wehrmacht.

O crítico militar já citado faz ainda nas suas definições mais a seguinte distinção: «Um armistício, se bem que imponha obrigações ao país vencido, também concede certos direitos. Por seu

turno, a afirmação de rendição incondicional não dá quaisquer direitos ao derrotado».

Desta vez, portanto, todas as forças armadas da Alemanha tiveram de se entregar à prisão ou de se imobilizar em determinados pontos escolhidos pelos oficiais superiores das Nações Unidas. Desta vez, as forças alemãs foram totalmente desarmadas e não se puderam salvar por detrás duma comissão de armistício.

O método de rendição adoptado foi este: os comandantes de exército aliados comunicaram as suas ordens aos comandantes alemães, os quais transitaram estas mesmas ordens aos seus subordinados pelas vias normais. Pretendeu-se, assim, evitar a reedição da lenda de que o exército alemão não chegara a ser vencido no campo de batalha.

No entanto, as consequências duma derrota tão completa também foram e são desvantajosas, porque os Aliados utilizaram uma engrenagem do comando alemão, que só pode funcionar enquanto houver disciplina e coesão. A verdade é que, perante uma derrota desta natureza, a disciplina tem sempre tendência a desaparecer. Além disso, à parte a questão de disciplina, o regresso dos trabalhadores e dos mineiros às suas ocupações é hoje mais urgente e mais importante para as Nações Unidas do que para a própria Alemanha. Portanto, sob muitos aspectos, torna-se necessário que os Aliados disponham destes milhões de homens o mais depressa possível. Para isso, a única solução consiste em desarmá-los e enviá-los para os seus lares.

Em relação ao futuro, por conseguinte, a política aprovada pelos Estados-Maiores das Nações Unidas parece ser esta: o Supremo Quartel Geral das Forças Expedicionárias Aliadas e o Alto Comando russo manter-se-ão em funções até se formar a Comissão Aliada de Contrôlo, e serem demarcadas as zonas de ocupação britânica,

americana, russa e francesa. Depois, numa data a fixar, os comandos militares desaparecerão e a Comissão Aliada de Contrôlo entrará em funções.

A autoridade coordenadora dos serviços da Comissão derivará duma Comissão Central, cujos membros serão três supremos-comandantes — um britânico, outro americano e outro russo, sendo provável que venha a ser nomeado também um francês.

Nas suas respectivas zonas nacionais, os supremos-comandantes desempenharão as funções de governadores militares e comandantes-chefes. Todos eles disporão dum sistema completo de departamentos, representativos de cada actividade da administração e da vida económica da zona respectiva.

Em resumo: esta Comissão Aliada de Contrôlo terá por missão governar a Alemanha, administrando-a, desarmando-a e reeducando-a, até que da normalização da vida surja um governo alemão que possa ser aceite pelas Nações Unidas e com quem estas possam finalmente fazer a paz.

Em todo este plano, segundo se vê, hábilmente concebido, há apenas um contra... Os exemplos dos anteriores post-guerra demonstram-nos que os povos britânico e americano, especialmente, têm uma relutância manifesta em concordar com a ocupação do território ex-inimigo, em larga escala e a longo prazo. Daqui resulta um problema perigosíssimo, cuja incógnita já começa a preocupar grandemente os peritos anglo-americanos. Se os exércitos de ocupação regressarem às suas pátrias antes de realizada a obra reeducadora que se pretende ministrar aos povos vencidos, o que sucederá depois?

JOSE CORREIA RIBEIRO

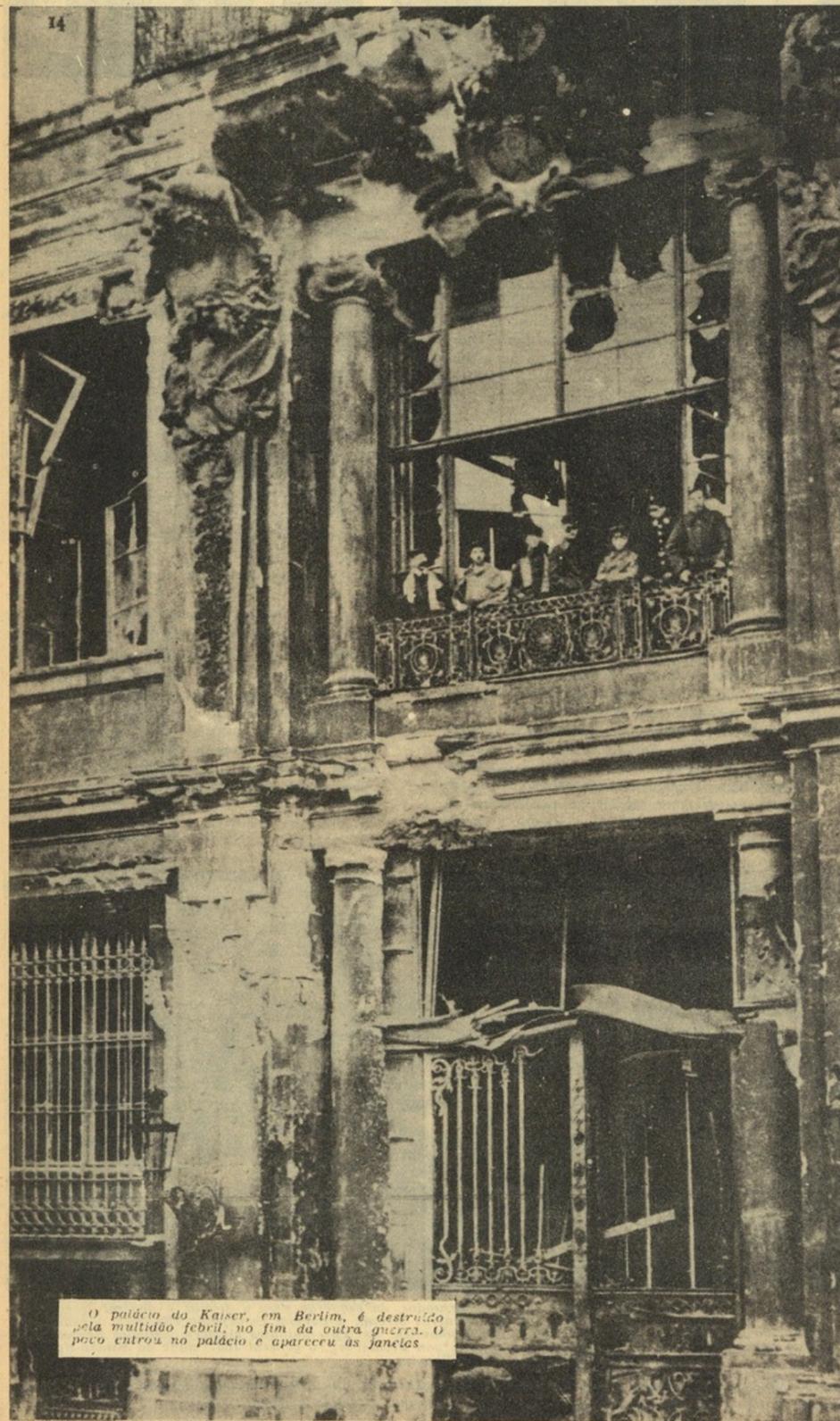


A Alemanha assina a rendição em Reims, França, no dia 7 de Maio de 1945. Sentados, da esquerda para a direita: o general Morgan, o general Sévres (França), o almirante Burrough, o general Bedell Smith, o general Strong, o general Suslapatov (Rússia), o general Spantz (Estados Unidos), o marechal da Ar Robb, o general Bull, o coronel Zenkovich. Os representantes alemães, sentados de costas para a máquina fotográfica, são, da esquerda para a direita: o general-almirante von Freideburg, o general Jodl, chefe do Estado-Maior do Exército alemão, e o major Oxenius.

A Rendição — o marechal de campo Montgomery observa o general Kienzl no momento em que este assina o documento da rendição incondicional de todas as forças alemãs no Noroeste da Alemanha, Holanda e Dinamarca.

ONDE SE RECORDA O DIA 11 DE NOVEMBRO, FIM DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

EM 1918 FOI ASSIM O DIA



O palácio do Kaiser, em Berlim, é destruído pela multidão febril, no fim da outra guerra. O povo entrou no palácio e apareceu às janelas.



ARMISTÍCIO...

Onde pudesse ondear uma bandeira, uma bandeira ondeava: nas caudas dos cães, no topo dos edifícios, nos sítios altos e nos sítios baixos. Os londrinos, os ingleses não tardaram a içar ao vento as cores da Union Jack e das bandeiras aliadas. As mais insignificantes ruas estavam possuídas do maior orgulho. A notícia começou a correr por volta das 9 da manhã e em breve estava confirmada. Os sinos das igrejas começaram a tocar, os «bars» e os estabelecimentos públicos encheram-se de gente, num nunca acabar de vivas, gargalhadas, gritos e «hurrahs». A cidade tornou-se uma aldeia, a aldeia uma família em que todos estavam em festa.

Escalaram pelos edifícios, escalaram pelos monumentos, subiu gente para os tejadilhos dos

automóveis e omnibus, bebeu-se muita cerveja e nem só os ricos beberam champanhe. E na praça Trafalgar houve fogo de artifício sem que Nelson se assustasse com isso.

O cheiro da vitória há dias, que andava no ar. Agora, as expressões já não eram de ansiedade mas de alegria pelo grande dia.

A multidão dirigiu-se para o palácio de Buckingham para ver o rei e a rainha. Depois foi ouvir o Big Ben, silencioso há quatro anos, tocar de novo.

A noite, depois da chuvada que obrigou a multidão a refugiar-se em casa, começaram os festejos. Aumentaram as danças nas ruas. Todos cantavam «Os rapazes vão voltar para casa». Foi uma noite de explosão espontânea de um povo ritorioso que reprimia há quatro anos qualquer manifestação de alegria.

E, somente o soldado que regressara ferido ficou em casa, pensando em adaptar-se de novo a uma vida que esquecera. A história agora repete-se!

Foi assim há 27 anos...



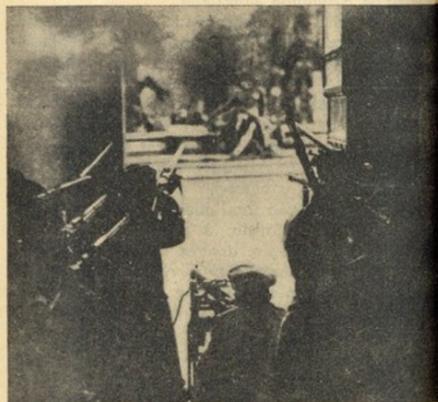
NA ALEMANHA:

O Kaiser abandonou o país, a caminho de exílio. Foi-o embarcando para a Holanda.



NA INGLATERRA:

Pelas ruas passava-se um retrato do Kaiser alemão, levado de vencida.



Os horrores da guerra não terminam com a paz aqui está um grupo de soldados alemães fazendo justiça por contra própria.

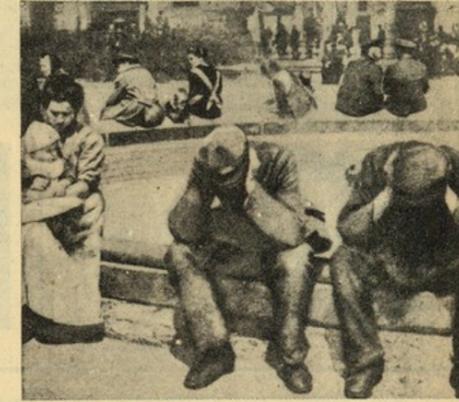


NA ALEMANHA:

O povo alemão entrega-se a uma guerra civil. Eis alguns combates junto ao palácio do Kaiser.



O DIA DO ARMISTÍCIO NA ALEMANHA foi um dia de violência e de lutas na rua. Aqui, soldados e marinheiros avançam sobre a multidão que tenta entrar no palácio real.



EXAUSTOS E ESFOMEADOS, assim estavam os alemães. Goebbels acusou-os de se deixarem vencer pela fome, apesar de proclamarem que o exército do Kaiser quasi não foi derrotado em batalha.

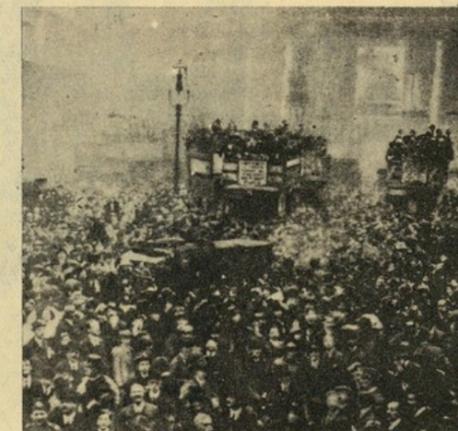


NA INGLATERRA:

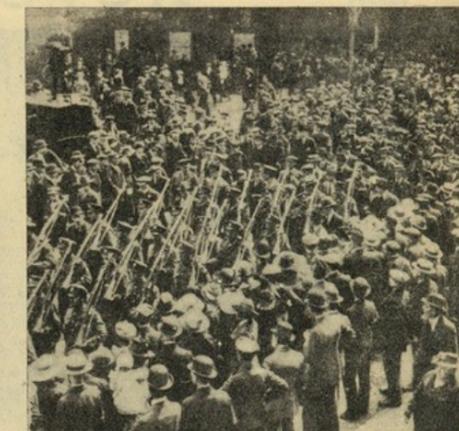
O armistício é anunciado numa proclamação real.



Bandeiras e sorrisos por toda a parte. Este grupo exemplifica bem o espírito inglês no dia do armistício.



NO DIA DO ARMISTÍCIO NA GR-BRETANHA, a multidão rejubila. Como as cenas são diferentes das da Alemanha vencida!



Quando os soldados regressaram, receberam-nos condignamente. A mesma diferença da Alemanha, onde as tropas e o povo morriam esfomeados.

TRÊS HOMENS DO XADREZ

COM a morte de António de Macedo que, ao lado de Piero, dirigia nada menos de três teatros em Lisboa e um no Pôrto — o xadrez teatral sofreu, naturalmente, enormes remodelações. Piero, que dispõe de talento e de simpatias — pôde, também, dispor de alguns dos melhores elementos da cena portuguesa. Para esses elementos, escreverão também alguns dos melhores autores. Ora vejamos: a empresa Piero ficará com o Apolo, com o Variedades e, possivelmente, com o Sá da Bandeira. Do seu elenco de oiros, fazem parte Mirita Casimiro e Vasco Santana, Hermínia Silva, Irene Isidro, Costinha e Luísa Durão, Alvaro Pereira, Carmencita Aubert, Armando Machado, Santos Carvalho, Barroso Lopes, Erico Braga, Alfredo Ruas e Carlos Baptista — como se vê, uma verdadeira côrte de astros e de estrêlas que terão de representar peças de Ascensão Barbosa, Aníbal Nazaré, Nelson de Barros, Fernando Santos e Almeida Amaral, irmãos Galhardo, Vasco Santa, Carlos Lopes, Arnaldo Leite, Campos Monteiro e António Pôrto.

Preguntámos a Piero que género de espectáculos ia explorar, e respondeu-nos:

— Musicado. Alternadamente, revista e opereta, no Apolo e no Variedades. O público tem saudades de ouvir música neste teatro. E, pelo Inverno adiante da próxima temporada, tê-la-á.

Que nos fica, então, para atribuir aos dois restantes empresários de teatro «léger»?

Não são muitos os bons elementos — mas, não pode dizer-se que não são dos melhores, dos mais populares e dos mais queridos das platéias.

Rosa Mateus, o simpático e dinâmico actual concessionário do Avenida, ficará com a companhia que ali trabalha presentemente — menos Laura Alves e Estêvão Amarante. Fômos perguntar a Rosa Mateus qual era o seu programa, mas êle, que é ensaiador e autor, sorriu e disse apenas:

— O programa já existe. Mas não posso dizer-lhe ainda do modo como o vou realizar. Basta que lhe diga: vou fazer opereta e revista, no Maria Vitória, logo que tome posse dêste teatro, e conto ter uma grande primeira figura feminina no elenco de que fazem parte Teresa Gomes e Alvaro de Almeida.

Quanto a José Loureiro — não o interrogámos. Mas sabemos que o experimentado empresário, que directamente vai explorar o Avenida, terá, como primeiras figuras da sua companhia — para representar também comédia, revista e opereta — Laura Alves e Estêvão Amarante.



Piero



José Loureiro



Rosa Mateus

"VIDAS SEM RUMO"

O NOVO ORIGINAL DE OLGA ALVES GUERRA

NÃO sabemos como o público tem accedido à nova peça do Teatro Nacional, «Vidas sem rumo», o original de D. Olga Alves Guerra, que fôra escrito para ser representado pela companhia do illustre actor Alves da Cunha. O público tem o dever de ir ver esta peça que confirma plenamente a categoria da autora de «Tempos Modernos». A sua peça, que sofre, talvez, de uma certa precipitação de acontecimentos e de atitudes psicológicas, merecia, plenamente, que há mais tempo tivesse sido representada. Infelizmente, os originais portugueses sofrem destes perigos de tempo e de vontade... Só desejáremos que o êxito de concorrência seja tão grande, que as vendas das empresas — de todas, em geral... — se desatem, ao menos uma vez na vida.

A peça de Olga Alves Guerra revela, plenamente, que a autora sabe jogar com os elementos de que dispõe, que tem imaginação para «entretêr» o público mais fácil e que, não obstante criar um nível artificial para o ambiente psicológico das suas peças, é capaz de nos dar uma peça de costumes. As suas atitudes não serão absolutamente reais: as figuras são com certeza verdadeiras. Quanto à carpintaria — e Olga Alves Guerra revela assinalável segurança, neste fundamento do teatro — parece-nos que a peça sofre de um certo desequilíbrio. Assim, o primeiro acto é o mais fraco. Mas o interesse sobe com o segundo, e no terceiro mantém-se sem esforço. Talvez por causa da representação ou da marcação, o primeiro acto acusa logo nas primeiras cenas, entre Maria Clementina e Maria Côrte-Real, uma comprometedora monotonia. Pode dizer-se que aquelas duas figuras não podiam falar de bisbilhotices, senão sentadas, tanto mais que eram duas visitas. Mas também se pode argumentar que «Alves» é demasiado da casa para não poder mexer-se à vontade, sem a presença dos visitados. De resto, em teatro, nem sempre a lógica pode ser estritamente respeitada... Mas, de resto, também a culpa principal deve pertencer à autora, que construiu assim a peça — esquecida, até, de que não é de boa técnica por o público ao corrente dos factos, por aquêlle género de conversas.

Este «senão» parece-nos, aliás, coisa de senomos importância, num conjunto de virtudes, como são as

que a autora afirma neste seu último trabalho: bom diálogo, boa construção da peça, mordacidade, ataque directo ao tema, movimento e interesse. Tudo isto, que é muitíssimo, pode não constituir, entretanto, um espectáculo «bonito». Temos a impressão de que as senhoras até salram «mal dispostas» da estreia — umas porque não gostariam que o ambiente se reflectisse em suas casas, outras porque talvez sentissem o seu «caso» demasiado ao vivo...

* A interpretação, de um modo geral, não atingiu o alto nível que a peça exigia. Tudo ali é difícil, sentido e pensado. Mesmo os pequenos papéis são humanos, e como tal reclamam um certo esforço. Ainda assim, o trabalho de Raúl de Carvalho — violento no 3.º acto — merece que se destaque em algumas cenas, embora noutras lhe faltasse um pouco de fôlego. Aquêlle não é, positivamente, o seu «emplois» — mas, por isso, muito mais vale o seu esforço de adaptação. A seu lado, José Gamba, sem um papel muito grande, esteve muito bem; Madalena Sotto venceu os muitos silêncios com assinalável inteligência, e o mesmo pode dizer-se de Paiva Raposo, que soube representar melhor calado do que a falar. Maria Clementina, com muitas omissões, comprometeu às vezes o ritmo da representação, e Pedro Lemos pecou do pecado da autora, ao apresentar um criado — e por que não havia de ser antes uma criada? — que só existe nas velhas peças de teatro. Maria Barroso, figura insinuante, representou com convicção e naturalidade — embora talvez lhe faltasse um certo fulgor de sedução. De qualquer modo, é preciso contar com esta rapariga para grandes vãos. Maria Côrte-Real, como Luís Filipe, tiveram dois papéis episódicos que não deslustraram.

* A cena não nos pareceu tão cuidada quanto devia. Um «cocktail» de estilos, de tecidos, eis o que nos pareceu o conjunto com um segundo plano de fundo muito escuro, a contrastar violentamente com o deslavado do resto da cena. No resto, tudo nos pareceu bem: marcações e decorações.

ESPECTADOR

Você sabe?...

Que Luísa Satanela deve ingressar, na próxima época, no elenco do Nacional?

...que a illustre actriz Maria Matos não terá, no próximo inverno, teatro para trabalhar, a menos que o Ginásio tenha de fechar como cinema e apareça financiador de nova empresa?

...que os artistas Brunilde Júdice e Alves da Costa continuam a estudar a possibilidade de adquirir um teatro desmontável, visto não conseguirem casa de espectáculo para a sua companhia?

DAS LETRAS

2 ACADÊMICOS NOVOS



A Academia das Ciências, que se vestiu de galas para festejar, pela boca do seu presidente, Dr. Júlio Dantas, o dia da vitória e da paz, vestiu de galas, igualmente, para receber dois novos académicos: António Correia de Oliveira, recentemente escolhido para ocupar o lugar vago com a morte de Eugénio de Castro — e Osvaldo Orico, brasileiro, que fôra há cêrea de dois anos escolhido para sócio correspondente.

Nas fotos vemos: à esquerda, António Correia de Oliveira, quando era cumprimentado pelo Dr. Gustavo Cordeiro Ramos; à direita, Osvaldo Orico, que é o primeiro, de frente, à direita, conversando com os professores Azevedo Neves, Pereira Forjaz e Reinaldo dos Santos.



A multidão, diante do consulado dos Estados Unidos, dá largas à sua alegria

A

cabou a guerra! Todo o mundo aguardava ansiosamente esta notícia que devia chegar de um momento para o outro. E porque era assim esperada e era certo o fim da guerra, ninguém sonhava que chegasse tão longe o ordeiro alegria do

poço português, dia-a-dia vivendo a dureza de um conflito que, nem por estar longe, podia ficar estranho à nossa consciência de homens e de europeus. Pode dizer-se que não houve quem não empunhasse uma bandeira, quem não gritasse a sua alegria, e não dissesse como Salazar no seu discurso:

— Ainda bem que acabou a guerra! Ainda bem que saíram vitoriosas as Nações Unidas!

QUANDO ACABOU A GUERRA...

LISBOA FESTEJOU ASSIM A PAZ DA EUROPA



A saída do templo, onde foram agradecer o triunfo da causa comum, os srs. embaixadores de Inglaterra e dos Estados Unidos, com senhoras de sua família.



Nos jardins da embaixada de Inglaterra, «srs» Ronald Campbell recebe a colônia britânica. Depois de algumas palavras alusivas à vitória, entoou-se o «God save the King».



Entre outras personalidades, o sr. ministro de França, o sr. cônsul, o sr. prof. Pierre Hourcade, depois da cerimônia religiosa realizada em S. Luis de França.



Vitória! Vitória! Velhos e novos, todos no mesmo entusiasmo, diante do monumento aos Mortos da Grande Guerra, gritam o seu entusiasmo porque findou a guerra!



Diante de Alamein, as forças aliadas — é uma companhia de homens de cor — esperam o momento de atacar.

Na noite de 22 para 23 de Outubro, como dissemos, o 8.º Exército britânico passou ao ataque. Ao mesmo tempo que a artilharia britânica troava na mais poderosa barreira que até essa altura se realizara

na guerra de África, os soldados de engenharia avançavam cautelosa e prudentemente procurando limpar os campos das minas semeadas pelo inimigo. O fogo da artilharia era terrível. O sr. Churchill, ao fazer, mais tarde, na Câmara dos Comuns, o relato pormenorizado das condições em que a batalha se iniciou, fez, entre outras, as seguintes revelações: «Numa frente de seis milhas pode dizer-se que as nossas peças se acumulavam. Essas peças, à prova do fogo, revelaram-se excelentes». Mela hora depois de iniciado o ataque da artilharia, a infantaria iniciou o seu avanço na direcção às posições do Eixo. Duas divisões de australianos e esboceadas, sob o comando do general «E.L.» Oliver Leese, protegidos pela bagagem de artilharia e depois de o caminho ter sido aberto pelos sapadores, lançaram-se impetuosamente ao assalto, revelando um espírito combativo excepcionalmente elevado.

De madrugada, já os britânicos haviam alcançado uma grande parte dos objectivos que lhes tinham sido assinalados pelo comando. As forças blindadas começaram, então, a atravessar os campos de minas e a penetrar nas posições inimigas. Os obstáculos eram sucessivamente dominados e a penetração do 8.º Exército nas posições do Eixo acentuou-se às primeiras horas da manhã de 23 de Outubro. Foi nessa altura que os alemães lançaram um vigoroso contra-ataque, o qual teve de ser detido por uma concentração poderosa de fogo de artilharia e aviação superior-

mente dirigido pelo general Horrocks que havia de se revelar como um dos mais hábeis peritos de guerra britânicos. A 21.ª divisão Panzer, que fora encarregada de conduzir a parte principal desse contra-ataque, viu o seu ímpeto quebrado pela vigorosa réplica dos ingleses.

Durante os dias 23 e 24 a luta prosseguiu, afirmando-se cada vez mais impetuosamente o espírito combativo das forças do 8.º Exército. A conquista de uma ponte ou a posse de uma posição fortificada realizavam-se no meio de combates sangrentos que se espalhavam ao longo de toda a frente. Em 26, os alemães tentaram com os blindados um novo contra-ataque que se malogrou.

COMEÇA A DESENHAR-SE A VITÓRIA BRITÂNICA

O dia 27 foi assinalado por uma pausa relativa na intensidade da luta. De um e de outro lado sentia-se a necessidade de recuperar forças e de estabelecer novos preparativos para o próximo «round», que não deixaria de se desenvolver com uma dureza crescente. De facto, a intensidade da luta aumentou a partir do dia 29, quando os alemães lançaram três contra-ataques impetuosos e inicialmente bem sucedidos. Mas os ingleses fizeram chegar às suas linhas novos reforços, constituídos especialmente por forças blindadas, e a brecha que tinham conseguido abrir no dispositivo da defesa inimiga foi-se alargando pouco a pouco à medida que o ímpeto inicial dos contra-ataques alemães era quebrado pela intensidade do fogo do 8.º Exército.

Na noite de 30 a vitória britânica começou a desenhar-se com suficiente nitidez para poder já haver dúvidas quanto ao resultado final da luta. Uma força, relativamente numerosa, de infantaria alemã rendeu-se a uma divisão australiana. Era o primeiro sintoma de que entre os combatentes

do Eixo o moral começava a declinar. As forças blindadas dos alemães empenhadas na luta eram cada vez em menor número, o que revelava claramente as deficiências de material em que Rommel se debatia. O comando britânico não deixaria, certamente, de explorar até às últimas consequências esse benefício inesperado.

Ao fim de oito dias de luta incessante era possível já estabelecer para o 8.º Exército um balanço positivo. A brecha inicial alargara-se e aprofundara-se suficientemente para ser legítimo esperar que a frente inimiga acabaria por ser dominada. Essa brecha tinha, na noite de 30 de Outubro, cerca de vinte quilómetros de largura e dez de profundidade. Dois dias depois, na noite de 1 para 2 de Novembro, o comando britânico estava em condições de lançar na fogueira novas divisões frescas de infantaria. Entre essas divisões contava-se a 50.ª divisão de infantaria britânica que já se distinguira em acções anteriores e constituía uma das melhores formações incorporadas no 8.º Exército. A batalha ia entrar na sua fase final, que seria uma das mais sangrentas de toda a guerra.

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS.

O ASSALTO FINAL AS POSIÇÕES DO EIXO

Na madrugada de 3 de Novembro a engenharia inglesa procedia à remoção dos últimos campos de minas, trabalho indispensável do assalto final. Uma divisão de infantaria neozelandesa em estreita colaboração com três divisões blindadas foi encarregada de conduzir esse assalto que, do lado do Eixo, devia ser principalmente suportado por quatro divisões blindadas, duas alemãs (a 15.ª e a 21.ª Panzer) e por duas italianas (a «Ariete» e a «Littorio»). O encontro das divisões blindadas teve um carácter furioso. Durante muitas horas a luta entre os carros britânicos, por um lado, alemães e italianos, por outro, prolongou-se. Logo na primeira noite foram postos fora de combate muitos carros alemães cuja perda representava para a execução dos planos de Rommel uma perda irreparável. O comando britânico pôde, então, fazer intervir novamente, com êxito, na luta a sua aviação. Os bombardeiros médios da R.A.F. e os aparelhos da aviação naval desempenharam um papel predominante nesta fase da batalha. Enquanto atacavam incessantemente as vias de comunicação e as concentrações de tropas inimigas na retaguarda, os aparelhos de bombardeamento ligeiro lançavam-se implacavelmente sobre as colunas germano-italianas em retirada, causando-lhes grande número de baixas. Mas era a aviação de caça britânica que estava confiada a parte principal da manobra concebida pelo comando britânico, pois lhe cabia o encargo de impedir que as poderosas formações de «Stukas» alcançassem as linhas do 8.º Exército e as atacassem eficazmente.

Durante essas dias históricos toda a retaguarda que alimentava a frente do Eixo no Norte de África esteve sob o fogo contínuo da aviação aliada.

Desde Génova a Marsa Matruh, e desde Spezia a Tobruk, os arsenais e as aeródromos, as fábricas e os

(Continua na pág. 18)



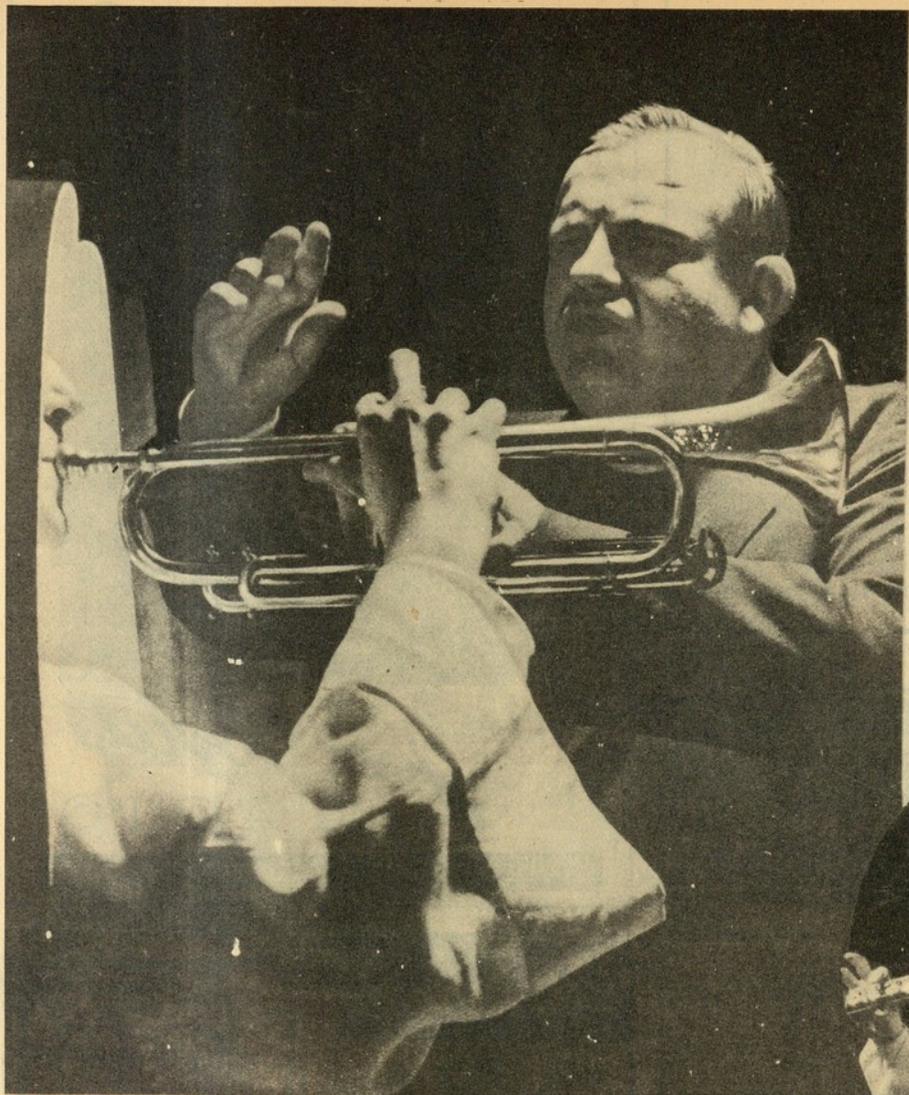
Este é um documento histórico: no quartel general de Montgomery, o tribunação da campanha do Norte de África, com o general Ritter von Thoma — a esquerda — novo comandante do corpo de exércitos alemães, pouco depois de ser capturado. Do Norte de África, von Thoma seguiu para Londres.

A MELHOR PASTA PARA A HIGIENE DA BOCA

REFRESCA A BOCA E EMBELEZA OS DENTES

UM CONCERTO DE FREIRAS NA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK

CLARO que a América não é só um país excepcional, no que respeita à condução das guerras: também o é nas coisas originais, na imaginação que põe na criação de coisas estranhas a tudo o que é comum e banal. Por exemplo: aqui está uma página publicada numa circunspecta revista inglesa, que nos mostra, nada mais nada menos, do que uma orquestra de freiras. São professoras e resolveram frequentar, durante algum tempo, um curso onde aprenderam a reger pequenas orquestras e grupos musicais, constituídos pelos seus alunos. Dentro da obrigatoriedade do seu curso, no final, e como prova definitiva, deram um concerto, onde incluíram trechos de música ligeira e música clássica.



O professor é um padre e foi o ensaiador para o concerto — prova de exame obrigatória.

Uma das mais hábeis executantes é a irmã Mariza



Esta é a irmã Solongia, que toca bombo muito senhora do seu papel — e da sua música...



E esta é a irmã Mary Rose, que toca «sonajoca», um instrumento criado pelo maestro português João Filipe de Sousa.



Finalmente, aqui temos a irmã Jany. É a mais baixinha e toca o instrumento mais alto: rabeca. A seu lado, uma freira violoncellista.

"A VIZINHA DO LADO"

(Continuação da pág. 7)

António Lopes Ribeiro é uma pessoa desconcertante em matéria de filmes. Tão depressa nos dá uma obra cuidada, sob todos os aspectos, como nos apresenta outras que parecem traduzir desinteresse. «A Vizinha do Lado» não pertence ao primeiro grupo. E, francamente, por vezes temos dificuldade em conciliar a exaltação do cineasta pelo cinema português — de que se tornou esforçado paladino — com estas fitas, que não documentam as possibilidades do realizador ou da indústria. E porque o sabemos competente e capaz de fazer melhor — não podemos desculpar-lhe muitas das deficiências encontradas. António Lopes Ribeiro não é, positivamente, um principiante... E quando quer, vai muito mais além.

De acordo com a orientação que imprimiu ao seu filme, A. L. R. escolheu bem o elenco. Confiou o desempenho a artistas de prestígio. Nascimento, António Silva e Lucilla, magníficos. Ribelinho, prejudicado, quanto a nós, por uma caracterização que nada tem de cinematográfica. Discordamos das suas simiescas subidas de escada. Excelente actor, não necessita de reforçar os efeitos a tal ponto. Mesmo assim, mais de metade das gargalhadas pertencem-lhe. Matilena Sotto, por cujo talento temos tanta admiração, deu-nos o seu melhor desempenho cinematográfico. Mas a figura, na primeira fase, não se ajusta ao seu temperamento e à sua sensibilidade. Quanto desejamos vê-la num papel em que não haja tal desencontro! Os artistas de cinema — Carmen Dolores e António Vilar — nada acrescentam às suas carreiras.

Técnicamente, nos outros aspectos da realização, o filme é desigual e fica aquém do melhor que tem conseguido. Isto não obsta, porém, que o público encontre nele duas horas de alegre distração. Os diálogos de André Brun e o excelente desempenho de alguns dos mais prestigiosos artistas da cena portuguesa compensam-no daquilo que porventura não possam achar inteiramente ao seu gosto. A história está bem contada — e «A Vizinha do Lado» deve fazer uma boa carreira popular.

FERNANDO FRAGOSO



CASA José Costa
RÁDIO

RUA DE S. PAULO, 11-13 / LISBOA / TEL. 2 4888

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**
Por RAFAEL MARÇAL

História da Guerra

(Continuação da pág. 16)

estaleiros da Lombardia, de Piemonte e da Lúbia recebiam quotidianamente a «chuva das bombas aliadas, que diminuía, de maneira considerável, o seu rendimento. E era, sobretudo, dêsse rendimento que tanto o Reich como a Itália precisavam para poderem continuar uma guerra na qual a carência dos seus recursos cada vez se revelava mais perigosamente.

O PRIMEIRO COMUNICADO DA VITÓRIA

No dia 4 de Novembro o Quartel General aliado no Cairo tornava público o primeiro comunicado oficial que anunciava a vitória tão duramente conquistada. O comunicado era concebido nos seguintes termos: «As forças do Eixo no deserto ocidental, depois de doze dias e doze noites de ataques incessantes conduzidos pelas nossas forças em terra, no mar e no ar, encontram-se agora em plena retirada. O general von Stumme, que substituiu Rommel perante a ausência dêsste chefe alemão, foi morto no campo de batalha. Fizemos nove mil prisioneiros. Entre estes encontra-se o general alemão Ritter von Thoma, comandante do Afrika Korps, e um número elevado de oficiais superiores dos exércitos alemão e italiano. Sabese que as perdas do inimigo em mortos e feridos são muito sensíveis. Até esta altura destruímos 260 «tanks» do Eixo e tomámos ou destruímos mais de 270 peças de artilharia. Não é por enquanto possível fazer uma descrição exacta do material de guerra tomado ao inimigo.

No decurso destas operações, em que as nossas forças aéreas sofreram perdas insignificantes, destruímos ou danificámos fortemente 300 aparelhos inimigos no ar, e um número idêntico de aviões que se encontravam pousados no solo. No mar as nossas forças navais afundaram mais de 50 mil toneladas de navegação inimiga, a qual estava encarregada de abastecer a frente do Eixo no Norte de África. As forças do 8.º Exército continuam no seu avanço».

Este comunicado, publicado decorridos apenas três meses sobre o desastre de Tobruk e a espectacular vitória de Rommel no deserto ocidental demonstrava até que ponto a capacidade de recuperação dos Aliados, e especialmente num teatro de operações ultra-europeu, estava em condições de destruir todos os planos do comando alemão, habituado a trabalhar no plano continental.

(Continua)

TRAD. VERITAS

O VELHO PORTO
Niepoort
Sabe... a quem sabe

✳

MEDICINAL

PATA COUTO

TRATA
gengivas doencarradas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

✳

“Thetis”

O CAMISEIRO
DOS QUE VESTEM
COM DISTINÇÃO

RUA DA PALMA, 165-165-A

LISBOA

Rendas

veja

**MODAS
E BORDADOS**

Os portugueses são os que mais se lavam? Sim!

180\$00
COM EMBALAGEM
E PORTE PAGOS.

CASA LYRA
ROSSIO, 93 • LISBOA

O 2.º NÚMERO DE
DETECTIVE
ENCONTRA-SE JÁ
À VENDA
ÉXITO ABSOLUTO!

Uma publicação única no seu género em Portugal!
Novelas, reportagens, casos de espionagem, problemas policiais portugueses e estrangeiros, etc. 32 páginas de leitura emocionante! Uma sugestiva capa a 3 cores!

Avulso: 2\$50
«DETECTIVE», apesar do seu preço, é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de «Vida Mundial Ilustrada».

Um benefício como nunca se fez em qualquer publicação! Aproveite esta vantagem: assinando esta revista — e pelo preço de uma publicação, receberá duas!

Pedidos de assinatura: Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

— Ides ver! Hei-de estarreçer os mestres, na posteridade!...

* * *

Passaram-se uns anos. A família do Zé da Cruz reconhecera a vida aldrada que éle levava, numa geral consumação. Os vales telegráficos haviam sido interrompidos primeiro e as mesadas depòis. E assim principiou a ser o Zé da Cruz. A pensão fechara-se-lhe de todo e os amigos houveram por bem declinar a honra que éle lhes dispensava em jantar com éles. Os estudos, o fato e os sapatos acabaram. Agora, só havia trabalhos. A realidade convocara-o.

Os amigos de sua privança, aquêles que, como o Zé da Cruz, outrora, tinham ainda a arte de vegetar o quanto menos possível, não os encontrava agora! Eram assim a modos de morcegos! De dia, deviam dormir; pela noite, lá estariam, claro! Mas o Zé da Cruz é que já não podia aparecer, figurar naquela miséria rendilhada, naqueles lugares onde se vivia um pedaço — música, mulheres em fogo, dança, licores, num clima edênico...

A vulnerabilidade dos seus filósofos surpreendeu-o. Deambulou, faminto, por essa Lisboa, de onde só conhecia os antros onde queimava as noites e o dinheiro. Adoeceu. Sofreu. Rogou. As portas amigas que dantes cruzava alegremente, estavam agora fechadas e, quando de estômago vazio lá ia bater, apenas se abriam para uma criada lhe comunicar sucintamente que os senhores tinham ido ontem para fora...

Tudo falhara. Agora é que era a vida. Desmoralizou. No Terreiro do Paço, quantas vezes, pelo meio da tarde, contemplava as águas mudas do Tejo e os maltrapihos que enchiam a bôca de tremoços e obscenidades...

. Enojado, desiludido e só — não desejava nada. Tudo lhe era inacessível.

* * *

As semanas passavam sombriamente. A sorte do Zé da Cruz não se alterara ainda.

Até que um dia...

...Nesse dia havia muito sol! Acossado pela fome, entrara numa igreja onde se distribulam pães a um bando escanifrado de pedintes. Enfileirou estoicamente na bicha escanzelada. Dera nas vistas. O prior recusara-lhe o pão e ordenara-lhe que o esperasse mais para ali. Deram-lhe um sobrescrito e mais um cartão, que éle correu a levar ao destinatário, depòis de, no restaurante mais próximo, ter almoçado e jantado conjuntamente.

Tudo executara automaticamente. A noite, no quarto da pensão, é que então se encontrou consigo próprio. Reagiu. Chorou. O seu espírito adejava incoñtidamente, e pairava alto... muito além...

Mais dois dias e por um postal mandava não comparecer na repartição X, ao concurso para provimento do lugar Y.

Já lá vão meses!

* * *

Estive ontem com o Zé da Cruz. Saíra minutos antes da repartição. Anda preocupado — felizmente preocupado! Organizou um núcleo de gente de almas lavadas, sob a égide beatíssima de Santo Agostinho e Santa Mônica, com o propósito de fortalecer moralmente e auxiliar materialmente essa legião de Zés das Cruzes que andam por aí, ao Deus dará... Já apareceram alguns. Submetem-nos a provas. Têm que confessar arrependimento e a origem de suas desgraças e manifestar comprovado desejo de dominar as tendências mórbidas, desregradas. Para tal, lá está o Sweet Marden — que o leiam e que o oijam lá no núcleo, umas tantas vezes por semana.

O Zé da Cruz e os confrades cotizam-se mensalmente.

Uma vez seguros do bom ânimo dos vários Zés das Cruzes, dão-lhes fato e guiam-lhes os passos no sentido de colocação, na vida, enfim.

Ao despedir-se, ainda ajuntava o Zé da Cruz, escolástico, a rebrilhar com o sol da regeneração:

— E sabes que não se pode mentir! Sempre a verdade, a beleza, Deus, afinal... De resto, é tudo miragem...

Fiquel varado! Agora é que os mestres estarreçiam se ouvissem o Zé da Cruz...

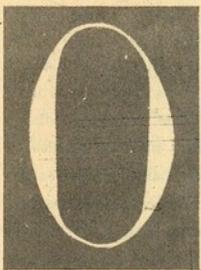
As voltas que o mundo dá!...



Tortois

AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ...

CONTO POR
ANTÔNIO CUNHA DE SAMPAIO
ILUSTRADO POR
ROCHA VIEIRA



O Zé da Cruz era assim mesmo! O seu temperamento estuante perdia-o. Lá pelo colégio, moía-nos o bicho do ouvido a arengar idéias e sistemas que não entendíamos. Pela Faculdade de X, esvurmava a teoria do estalão-ouro. Postergava as regras genéricas, axiomáticas. Por outro lado, o Zé da Cruz, punha a render por tôda a sorte de baúças a mesada que pontualmente lhe chegava às mãos, em figura de vale, todos os dias trinta. Atrasava-se na pensão, sistematicamente, e dignava-se por isso, de quando em vez, dar a honra aos camaradas de ir jantar com éles!

O bragal do Zé da Cruz samia-se pelos «pregos» do bairro. As malas, inúteis, convertia-as em papel no adelo da esquina.

As cartas dêle, para a terra, de verdadeiro, só levavam a letra. O resto, era um aglomerado de meios, polvilhados de elipses, que o seu psitacismo transfigurava num rol de sacrificios e aflições,

que urgiam ser remediados por um vale telegráfico, extraordinariamente.

A família receava que o Zé da Cruz fôsse tentado pelo «inimigo», e fizesse alguma... Bem lhe bastavam, coitadinho, os estudos!

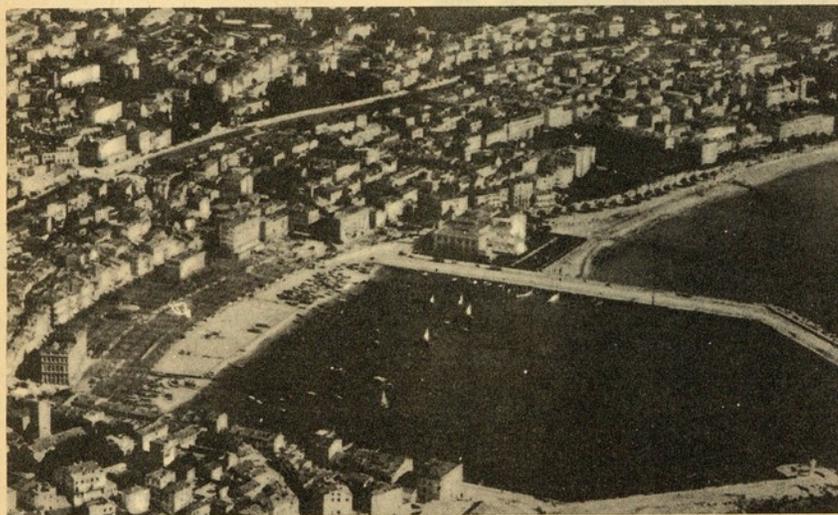
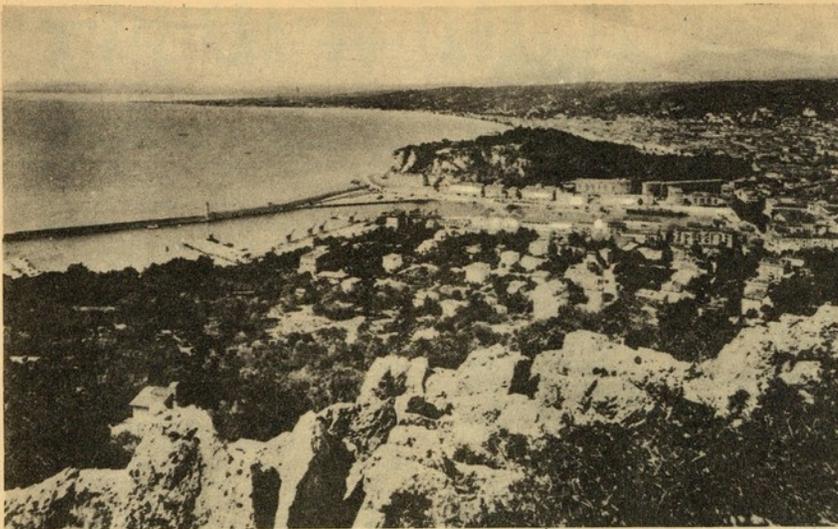
E aquêlé processo dos vales telegráficos passou a ser uma questão periódica. O Zé da Cruz já sabia que, na terça-feira próxima, teria uma aflição... e na quarta teria um vale.

Éle era o calvário da família. Contumaz e sem esperanças de emenda, assim ia dissipando o dinheiro e a inteligência, indo só à escola «para ver o que havia», deitando-se à hora em que os mais se levantavam. Aquilo fazia parte da tremenda e especial maneira de vegetar o quanto menos possível, como predicava: «Tenhamos personalidade. Abaixo a rotina da pelintragung! Viva-mos!».

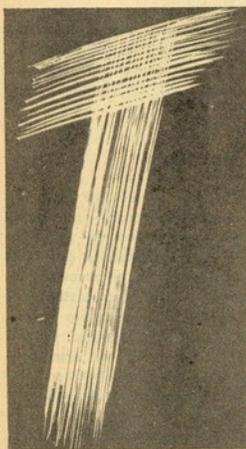
E com estas precedências, ao avizinhar-se a época de exames, a lógica das coisas não o surpreendia. Era mais um chumbo!

— Para a segunda época, as coisas vão ser outras! — dizia.

Mas, qual carapuça! De facto, as coisas eram outras... iguais! No ano seguinte, com o tempo perdido na mesma conformidade, proclamava então:



Nice e Cannes — a primeira em cima — duas das mais belas, luxuosas e cosmopolitas praias do mundo, na Riviera francesa, foram, durante a última guerra, grande centro de espionagem.



ORNA-SE necessário reconhecer que o engenho da espionagem é infinito e que os processos imaginados pelos agentes secretos para informarem os seus compatriotas sobre factos ou gestos do inimigo, apresentam uma variedade prodigiosa.

Que dizer, por exemplo, da minha empregada pelo senhor Vladomar, músico de grande categoria e espião de grande astúcia? Foi durante a outra guerra. Este senhor Vladomar, pianista profissional, foi instalar-se em Lorient, um dos mais pitorescos pórtos da Bretanha, no princípio das hostilidades — e, certamente, lá teria ficado até ao fim se a censura postal não tivesse reparado que na sua correspondência freqüente com uma editorial de músi-

ca suíça, lhe chegava às mãos semanalmente, entre outras, um determinado número de partituras com o mesmo título: «Miosotis de Alsácia». Para que precisaria o senhor Vladomar de tantos novos exemplares de «Miosotis de Alsácia»?

A vigilância especial verificou, ao fim de algumas semanas de trabalhos que se o título da partitura não variava, o mesmo não sucedia à música que, sob a mesma designação, era diferente de semana a semana.

A segunda verificação foi ainda mais extraordinária: aquelas músicas não eram executáveis, pois nem uma das suas frases tinha qualquer sentido ou harmonia, sob o ponto de vista musical.

O caso apresentava-se ligado a um serviço de decifração de criptogramas. Os peritos meteram-se ao trabalho, e bem depressa obtiveram a confirmação das suas suposições: cada uma das notas de solfejo correspondia a letras de um alfabeto convencional. A chave desse alfabeto foi descoberta e assim se verificou que o musicista recebia regularmente dos seus patrões, pelo «truc» dos inocentes «Miosotis da Alsácia», todas as ordens e indicações necessárias para o exercício do seu «métier» de espião.

Depois de um julgamento perante o Tribunal Marcial de Paris, o pelotão executor foi encarregado de pôr fim àquela prometedora carreira de pianista...

Mas não somente a música foi posta ao serviço da espionagem. As belas artes, sob qualquer das suas manifestações, serviram ocasionalmente os fins do «exército invisível».

Falemos um pouco do senhor Paskowi, pintor e escultor polaco, como se intitulava a si próprio, o qual, em 1916, passeava a sua paleta e os seus pincéis pelas praias elegantes da Riviera francesa.

As peripécias desta história vamos contá-la baseando-nos no relatório (1) da polícia parisiense que, opondo a sua astúcia à do perigoso turista, logrou desmascará-lo e enviá-lo aos juizes do Tribunal Marcial.

A presença do «artista» que tinha por missão espiar fóra-lhe assinalada na Riviera, em Croisic, onde se encontrava, como por acaso, uma importante base de aeronáutica. Antes de partir para o seu «teatro de operações» o polícia empreendeu um discreto inquérito sobre a personalidade do «artista», e verificou que ele era totalmente desconhecido, tanto dos críticos da Imprensa como das principais notabilidades artísticas de Paris. Nunca tal individuo frequentara nem Montmartre nem Montparnasse, lugares de eleição dos artistas. O seu nome não figurava em nenhum dos numerosos anuários de arte. Nenhum catálogo mencionava as suas obras. E os comerciantes de quadros ignoravam-no inteiramente. Enfim, na legação da Polónia, nenhum funcionário vira o rosto ou ouvira falar desse senhor Paskowi.

Disfarçado de pintor (?) e munido do material clássico dos artistas-pintores em viagem, o nosso polícia chegou um belo dia a Croisic e instalou-se no hotel onde habitava a sua presa. Um golpe de vista no registo do hotel informou-o que o senhor Paskowi dizia ter 32 anos, ser celibatário, e que a sua anterior residência fóra Paris.

A hora do almoço, o inspector entrou na sala de jantar. Mal se sentara, o senhor Paskowi chegou e tomou lugar numa mesa vizinha. Era um rapaz ruivo, fortíssimo, de olhos azues e bigode à americana.

«Enquanto ele chamava o criado — diz o inspector no seu relatório — e lhe encomendava a ementa no ar de pessoa que não estava habituada a privar-se fosse do que fosse, observei-o disfarçadamente e, coisa singular, tive a impressão de já o ter visto em qualquer parte. Forcei as minhas recordações e, embora não conseguisse identificá-lo, adquiri a certeza de que o tinha já encontrado durante qualquer das minhas missões, na Alemanha ou na Suíça».

Quando o polícia acabou a sua refeição, foi ao vestiário, tomou a sua caixa de tintas e o seu cavalete, e saiu para o pósto, ficando um pouco parado defronte da fachada do hotel, como se quisesse, antes de continuar, observar as nuvens e o tempo.

Instantes depois, saía o senhor Paskowi, e, vendo-o com aqueles apetrechos, aproximou-se e perguntou num tom de bela cortezia:

9

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY ROWLAND, ESPIÃO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIÃO CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTÓRIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XIII—O DUPLO ESPIÃO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

ESPIÕES DE GUERRA

A MÚSICA E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONAGEM

POR
PIERRE GOEMAERE

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

— Terá a felicidade de encontrar em si um confrade?

Como o polícia se inclinasse sem responder, como homem pouco dado a fazer relações, o outro apresentou-se:

— Paskowi, pintor e escultor polaco.

Sem mostrar qualquer pressa, o inspetor declinou, então, a sua identidade:

— Bruno Campanella, pintor napolitano.

Alguns dias mais tarde, os senhores Paskowi e Campanella tinham-se tornado bons amigos. Não somente tomavam juntos as suas refeições como até tinham quartos comunicativos, e isto porque, apesar do seu inicial retraimento, o sr. Campanella, como todos os homens da sua raça, era efusivo e exuberante, e gostava de conversar com o seu amigo Paskowi a qualquer hora do dia ou da noite. Apesar de tudo, as indiscrições que Campanella se permitia a propósito da bagagem do seu amigo não o esclareceram em nada. Tudo indicava que Paskowi não tinha outra ocupação além do desenho e da pintura, que, aliás, praticava com excepcional talento.

Tôdas as manhãs, Paskowi se instalava no seu automóvel com toda a sua aparelhagem de pintor e deixava o hotel para aí voltar à hora do almoço, mostrando com agrado ao seu confrade napolitano (o qual pintava também, mas sem largos vóos artísticos) a obra que executara durante a manhã. Em geral, Paskowi passava as suas tardes nos «courts» de «tennis». Por vezes, à noite, escrevia a sua correspondência para certa pessoa, a única a quem escrevia: a viúva Hermann, de Berne. Essa senhora — explicara êle ao seu amigo Campanella — tinha um estabelecimento de quadros antigos e modernos, e êle enviava-lhe os seus «croquis» e os seus óleos, que ela colocava com facilidade entre a sua clientela.

Tudo isto parecia absolutamente claro, e o

nosso polícia começava a convencer-se de que estava a perder tempo. Nenhum indício suspeito aparecia na vida de Paskowi, em cuja existência sem mistério nem sequer havia visitas ou correio comprometedores.

Certo dia, porém, observando um «croquis» que Paskowi lhe mostrava ao regressar de um dos seus passeios matinaes, Campanella ficou intrigado com algumas faltas de perspectiva. Certos planos não estavam no seu lugar e, do conjunto, sobressaía um aspecto pesado que não estava na maneira habitual do artista. Mas Campanella mostrou-se entusiasta, como sempre, e logo falou de outra coisa.

Nessa tarde, enquanto Paskowi passeava pelos «courts» de «tennis», Campanella entrou no seu quarto e foi examinar o «croquis» que o tinha intrigado. O que essa visita lhe revelou vamos ler no próprio texto do seu relatório:

«Vitória!... Por um processo especial, com o auxílio de substâncias das quais estava munido, bem depressa descobri, sob o «croquis» aparente, um outro desenho que não era senão o plano de uma das nossas bases de submarinos. Sob o moínho de vento da paisagem, surgiu um semáforo; os renques de árvores e as colinas dissimulavam as fortificações, os redutos, etc. Tudo era minucioso, até mesmo o traçado das vias férreas estratégicas!»

Quando, ao cair da noite, o «artista polaco» regressou da sua partida de «tennis», encontrou no seu quarto alguns senhores que o aguardavam...

Tudo se passou com tanta discreção que nenhum dos hóspedes do hotel deu conta de que o senhor Paskowi, com alguns «companheiros», tomou, nessa mesma noite, o combóio de Paris, onde o chamavam «negócios urgentes» — enquanto o seu confrade e pintor napolitano pagava

a conta de ambos e se encarregava, num escrupulo de boa amizade, de fazer seguir para Paris as bagagens do seu amigo...

(*) Publicado por Ch. Lucietto: «Missions Spéciales» — Edt. Berger-Levrault, Paris, 1927.

A seguir:

A BENGALA DE MR. ARCHIBALD

Por detrás desta música, reproduzida em «cliché», que não poderá transmitir o exército invisível dos espíes?



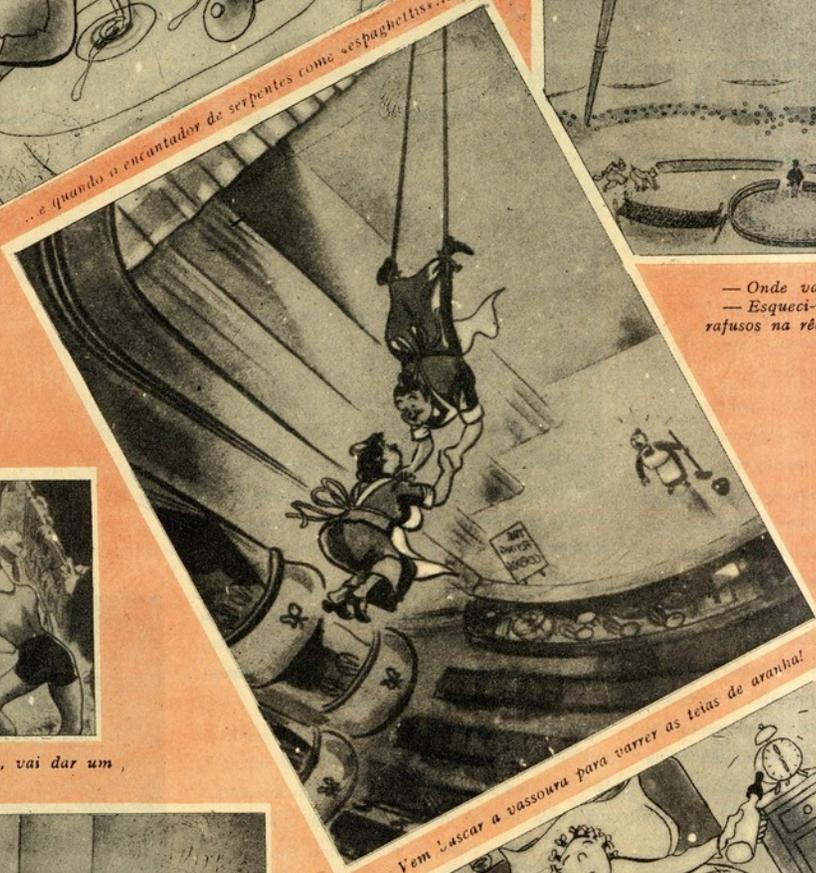
DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL



...e quando o encantador de serpentes come espaguetas...



— Onde vais?
— Esqueci-me de pôr os parafusos na rede...



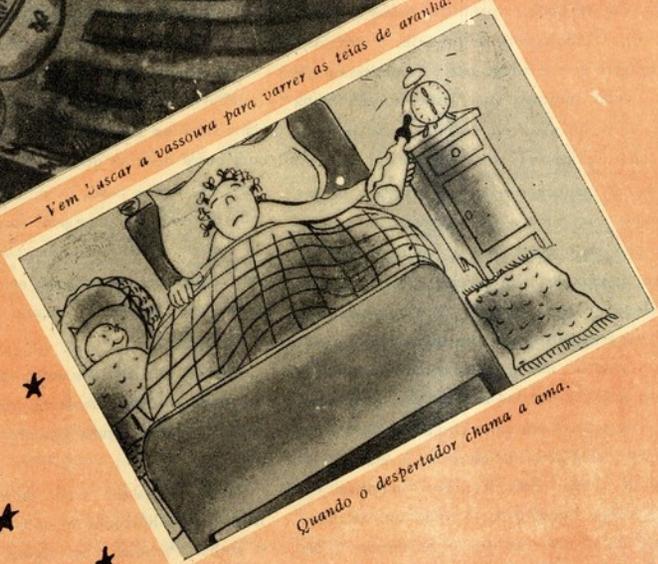
— Vem buscar a vassoura para varrer as teias de aranha!



— Anda, meu filho, vai dar um beijo ao papá!



Num intervalo da limpeza, não faz mal um pouco de faquirismo...



Quando o despertador chama a ama.

composição (Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.)

BAUME BENGUÉ

ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Em todas as IDADES...

...é necessário fortalecer os ossos
e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Remineralizando a
futura mãe, nascerá
um filho são e res-
istente a todas as
enfermidades



Cuidar a dentição e o desen-
volvimento dos ossos constitui a
principal medida profilática que
os pais devem ter com os filhos



Na idade escolar, quando o
cérebro das crianças começa
a trabalhar, deve impedir-se
a fadiga que ocasionam os
primeiros livros

A diminuição da alegria,
a falta de apetite, a insónia,
o cansaço, a falta de memó-
ria, os nervos excitados, são
sinais de alarme com os
quais o organismo anuncia
uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes
sintomas, consulte o seu
médico e recorra com con-
fiança ao Fósforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A reparação ao fazer-se
mulher passa por um
período de melancolia,
anemia e fadiga,
que devem ser comba-
tidos sem demora



Os jovens que na época de
estudos fortificam o seu cére-
bro, fazem-se homens com um
porvir sorridente

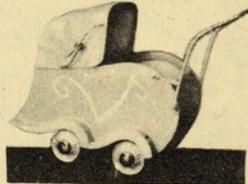


A família inteira terá optimis-
mo e alegria vendo que todos
os seus componentes gozam
de boa saúde



Nunca será um velho se as
suas faculdades mentais e os
seus nervos conservarem o
vigor da juventude

CARRINHOS PARA BEBES e cadeirinhas



Fabrincru

os melhores

a pronto ou com
facilidades
de pagamento

L. COSTA & SILVA, L. DA

R. Arco da Bandeira, 79, 1.º
LISBOA Telefone 26713
(atende-se a provincia)



RAINHA DA HUNGRIA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E
DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS
CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS,
ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA
NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quer ter os dentes são e belos lava-os com SULFADENTINA

LEIA TODOS OS SÁBADOS Vida Mundial UM JORNAL QUE É UM MUNDO!



Os melhores artigos dos melhores
autores transcritos dos melhores jor-
nais dos vários países.

Por um escudo por semana evitará
gastar muitos escudos na compra de
muitos jornais e revistas.

Compre avulso • Faça a sua assinatura



Portugal vibrou de entusiasmo, Lisboa marchou à frente dos mais entusiastas, para exprimir o seu júbilo pela vitória dos Aliados na Europa. Por toda a parte a multidão, disciplinada, gritou a sua alegria. No Conde Barão, por exemplo a certa altura, o entusiasmo atingiu o auge que a foto presente revela. Diante das embaixadas, diante das legações, pelas ruas da Baixa, a cidade de todas as condições sociais, espalhava-se e comprimia-se, porque todas as ruas pareciam pequenas para exprimir o seu entusiasmo.